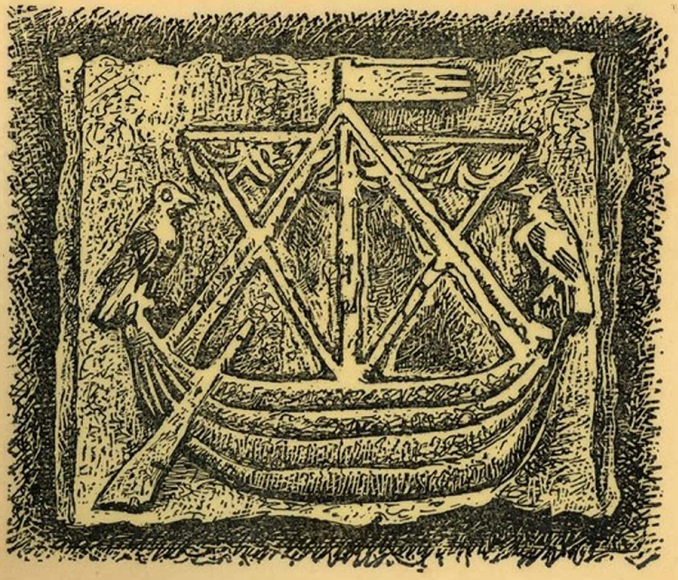
NORBERTO DE ARAÚJO

# INVENTÁRIO DE LISBOA

Fasciculo 9



Edição da
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

# INVENTÁRIO

DE

# LISBOA

1

2

LK-719/ARA

Incorporação
NOV. 1962
399 A.
O-1720 A.

# INVENTÁRIO DE LISBOA

por

NORBERTO DE ARAÚJO

*Fascículo IX*

Reg. Prof. nº 326
R.P. 1507

C. M. L.
1 9 5 2

4

Capa de MARTINS BARATA
Ilustrações de JOSÉ ESPINHO

# SUMÁRIO

## Publicados:

FASCÍCULO I — **Monumentos nacionais** — Castelo, Sé, Jerónimos, Torre de Belém, S. Vicente, Basílica da Estrela, Aqueduto das Águas Livres.

FASCÍCULO II — **Sistemas defensivos** — Cerca Moura (século XII), Cerca de D. Fernando (século XIV), Defesas marítima e terrestre (século XVII), Campo Entrincheirado (século XIX).

FASCÍCULO III — **Paços e Palácios Nacionais** — Belém, Bemposta, Necessidades, Ajuda e Assembleia Nacional.

FASCÍCULO IV — **Outros palácios do património nacional** — Almada, Alvor, Calheta, Marialva (Belém), Niza, Ega, Burnay (Junqueira), Lavradio, Barbacena, Penafiel, Foz e Farrobo (Laranjeiras).

FASCÍCULO V — **Palácios municipais** — Távora-Galveias, Mitra, Paços do Concelho (referência) e Folgosa. — **Palácios particulares** — Casa dos Bicos, Palácios Almada-Carvalhais e Belmonte.

Integrado neste fascículo: **Casas da Câmara de Lisboa,** por Luís Pastor de Macedo e Norberto de Araújo (estudo histórico, volume especial).

FASCÍCULO VI — **Palácios particulares** (continuação) — Azambuja, Fronteira, Abrantes, Arcos, Azevedo Coutinhos, Pombal, Flor da Murta, Olhão-Castro Marim, Óbidos, Figueira, Redondo.

FASCÍCULO VII — **Palácios particulares** (continuação) — Sabugosa, Azurara, Rosa, Mitelo, Tancos, Anadia, Calhariz, Ribeira, Valadares, Vagos.

FASCÍCULO VIII — **Palácios particulares** (continuação) — Copeiros Mores, Aguias, Lázaro Leitão, Galvões Mexias, Ludovice, Lafões, Guiões, Quintela, Praia e José Maria Eugénio.

FASCÍCULO IX — **Palácios particulares** (continuação) — Alvito, Teles de Meneses, S. Martinho, Mesquitela, Alarcão, Alcáçovas, Carnide, Pombeiro, Teles de Melo, Marim-Olhão, Ferreira Pinto, Palmela.

## Sucessivamente:

Palácios, Casas pitorescas, Igrejas paroquiais (seguir a ordenação exposta na folha-sumário do fascículo I).

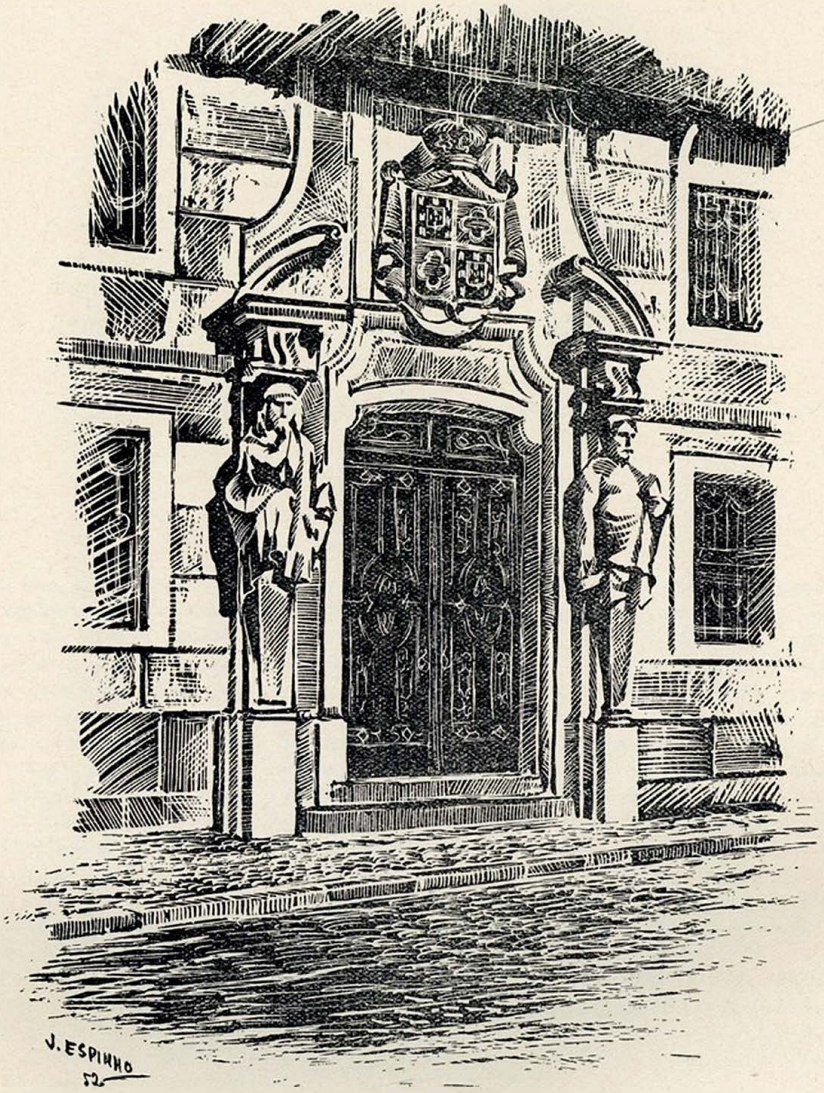
# PALÁCIOS PARTICULARES HISTÓRICOS

**Séculos XVII e XVIII**

PALÁCIO ALVITO
PALÁCIO TELES DE MENESES
PALÁCIO S. MARTINHO
PALÁCIO MESQUITELA
PALÁCIO ALARCÃO
PALÁCIO ALCÁÇOVAS
PALÁCIO CARNIDE
PALÁCIO POMBEIRO
PALÁCIO TELES DE MELO
PALÁCIO MARIM-OLHÃO
PALÁCIO FERREIRA PINTO
PALÁCIO PALMELA

A ordem cronológica por que são apresentados os vários palácios particulares nem sempre pode ser rigorosa. A incerteza das datas de fundação, e a natureza dispersiva deste trabalho, tal não permitem. A prioridade, nalguns casos, depende do valor histórico ou do merecimento arquitectónico do edifício. Observa-se, contudo, quanto possível, a ordem das idades.

# PALÁCIOS PARTICULARES



# PALÁCIO ALVITO

## Século XVII

| | |
|---|---|
| Fundação . . . . . | Séc. XVI |
| Transformação . . . . . | 1606 |
| Restauros . . . . . | Séc. XVIII e XIX |

[**Freguesia de Marquês de Pombal**]

## Breve notícia histórica

*O sítio, batido do rio, que veio a denominar-se do Conde-Barão, já era povoado no século XVI, nele se erguendo as casas nobres de Rui Fernandes de Almada, antecessor dos provedores da Casa da Índia, mais tarde os Almada-Carvalhais (vide fascículo V desta obra). A seu Poente, esquinando para a actual Rua dos Mastros, levantava-se no começo do século XVII uma casa nobre. Esta casa pertencia, pelo menos já em 1606, aos Lobos da Silveira, Barões de Alvito, mas era seguramente fundação do século XVI, propriedade de uns Quaresmas, dos quais uma descendente, D. Bárbara Quaresma, casara com o 5.º Barão de Alvito, D. Rodrigo Lobo da Silveira, e, assim, por aquela senhora, ou por doação, a casa do Outeiro da Boa Vista — então se chamava ao sítio — passou aos Alvitos, cujo primeiro barão foi João Fernandes da Silveira, que casou com D. Maria de Sousa Lobo, Senhora de Alvito, de onde a introdução do apelido Lobo nos seus descendentes a par do da Silveira.*

*Este palácio, grande casarão que foi, está hoje modernizado e irreconhecível no seu aspecto nobre, e só pelo seu passado merece referência.*

*O 7.º Barão de Alvito, D. Luís Lobo da Silveira, foi distinguido em 1653 com o título de 1.º Conde de Oriola, cujo senhorio andava ligado ao dos Alvitos. Derivou disto o dar-se ao sítio o nome, que subsiste, de Conde-Barão.*

*No palácio, que depois veio a ser, residiram no começo do século XVII os Lobos da Silveira, mormente o 6.º Barão, D. João Lobo da Silveira, e depois os seus descendentes, até ao Terramoto, entre eles D. José António Francisco Lobo da Silveira Quaresma, 3.º Conde de Oriola, 10.º Barão de Alvito e 1.º Marquês deste mesmo título (1766), que foi conselheiro de Estado, e presidente do Senado da Câmara de Lisboa (1749).*

*Os Lobos da Silveira, Condes-Barões, deixaram de residir no seu palácio depois do Terramoto, que o teria danificado, passando a família a habitar casas suas no Bom Sucesso; o palácio do Conde-Barão andava, mais tarde, arrendado, estando nele instalada, pelo menos em 1805, e em parte, uma «grande Casa de Pasto Inglesa», e em 1823 uma repartição do Estado.*

*O espirituoso 4.º Marquês de Alvito, D. José Lobo da Silveira Quaresma — último do título — camarista dos reis D. Luís e D. Carlos, alienou, em 1860, por troca com uma propriedade em Alverca, o palácio dos seus maiores ao Barão de Vila Nova de Foscoa, Dr. Francisco António de Campos, que nele fez obras e passou a residir. A propriedade transmitiu-se depois a dois sobrinhos seus, únicos herdeiros, e por morte destes a Luís de Campos Henriques, parente mais próximo, do qual passou para D. Luísa de Campos Henriques de Almeida, Condessa de Pinhel, falecida em 1939. Para partilhas foi o imóvel à praça, adquirindo-o o Banco Espírito Santo, que por sua vez o vendeu à Companhia Cassequel, à qual hoje pertence. Em 1942 foi arrendado à Escola Académica, antes no Monte Agudo, à Penha de França, a qual no antigo palácio se mantém.*

*O palácio nos seus tempos áureos teve jardins e hortas, e comunicava com o palácio dos Almada-Carvalhais, família onde os Lobos da Silveira entroncaram, pelo casamento de D. Inês Margarida de Almada e Lencastre com D. Vasco Lobo da Silveira, 9.º Barão de Alvito o 2.º Conde de Oriola.*

*Os restauros, benefícios, transformações no velho palácio dos Alvitos, e isto já no actual século, foram tantos que os Lobos da Silveira antigos, se revivessem, hoje não o reconheceriam.*

# INVENTÁRIO

*O Palácio Alvito, do Largo do Conde-Barão, não evoca exteriormente em qualquer pormenor a sua nobreza antiga seiscentista. É, contudo, a edificação urbana que mais avulta no local.*

## Exterior

Pode anotar-se:

A **Frontaria,** constituída por dois corpos que fazem um ligeiro ângulo oblíquo, com vértice de sólido cunhal, e nela:

Quinze *janelas de sacada,* com grades do século passado, da época do restauro do edifício, e com outras tantas de peito; os baixos do palácio, ocupados por vários estabelecimentos comerciais, abrindo-se ao centro a porta principal, n.º 47, sem interesse de maior.

A *Fachada Lateral* sobre a Rua dos Mastros, com janelas de sacada e de peito idênticas às da frontaria.

(O Palácio dos Alvitos encosta-se, pelo Nascente, ao antigo Palácio dos Almada-Carvalhais (vide fascículo V desta obra), com o qual teve comunicação interior no final do século XVII e no século XVIII).

## Interior

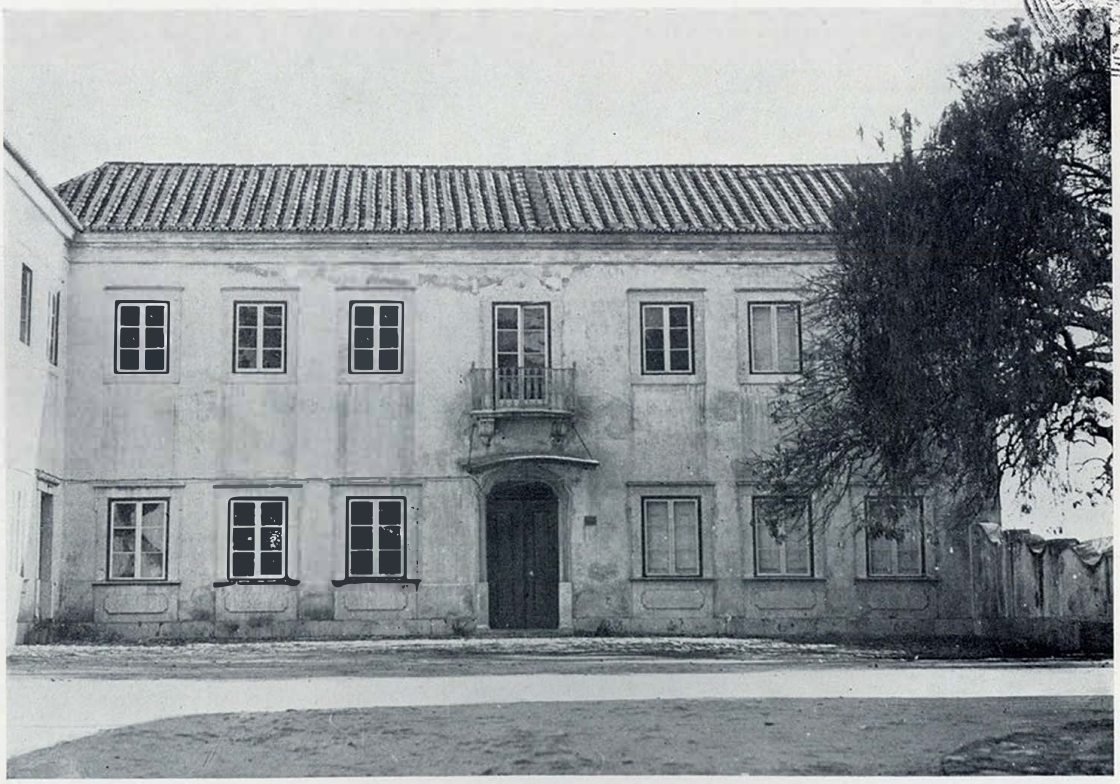
O Interior do Palácio Alvito mostra ainda elementos construtivos e decorativos do século XVIII, que as transformações e restauros, sobretudo do século passado, não fizeram desaparecer.

O **Átrio,** encurtado e transformado em relação ao que foi no século XVIII; a estreita escada, revestida de azulejos modernos; o patim superior, ao alto da escada, e que abre de um arco de cantaria, de volta abatida, e de dois vãos rectangulares, também emoldurados de cantaria.

# PALÁCIO ALVITO

Fachadas do antigo Palácio Alvito, no Largo do Conde Barão (pág. 12)

# PALÁCIO S. MARTINHO



Frontaria desfigurada do Palácio dos S. Martinho sobre o pátio antigo, este com entrada pelo Largo do Siqueira (pág. 22)

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS

# PALÁCIO TELES DE MENESES

Frontaria do Palácio que foi dos Teles de Meneses, sobre o Largo de S. Vicente, vendo-se no muro branco a inscrição relativa à obra municipal da abertura da rua (pág. 16)

Fachada lateral, correspondente aos jardins do Palácio, sobre a Rua da Voz do Operário (pág. 17)

As **Salas,** do palácio e corredores ostentam ainda belos panos de azulejos do final do século XVII e do século XVIII, e algumas dessas salas, em regra com alizares de mármore rosa seiscentista, mantém decorações que evocam os tempos dos Alvitos e dos Campos Henriques.

Salientam-se:

Uma **Sala,** com *tecto apainelado,* revestido a estuques com bons relevos, do tipo do século XVIII, mas de factura oitocentista, e, nela, *silhares* polícromos *de azulejos* do final do século XVIII, estilo D. Maria I; as paredes revestidas de *pinturas ornamentais,* a têmpera, em tons quentes, e com decorações do mesmo tipo nas sobreportas;

Outra **Sala,** com *tecto apainelado* de madeira, sem pinturas; as paredes cobertas de *pintura* a óleo do século XIX, representando paisagens, uma de Sintra, com o Castelo da Pena e o Castelo dos Muros, outra constituída por uma fantasia marítima, talvez uma sugestão do Sado;

Uma **Saleta,** com bons panos de azulejos do final do século XVII, representando cenas de caça e paisagisticas, com guarnições de curiosas figuras calvas;

Uma antiga **Sala de Música,** com tecto apainelado, revestido a estuque, em quadrelas geométricas, e, nas paredes, *pinturas a óleo* representando concertos musicais, cujas figuras têm um aspecto bizarro, quase humorístico; silhares de azulejos monócromos, com figuras da corte e cenas de paisagens.

(No interior do Palácio Alvito marcam-se as suas duas épocas, distinguindo-se nìtidamente os restauros decorativos do tempo do Barão de Vila Nova de Fozcoa).

# PALÁCIO TELES DE MENESES

## (ALFREDO DA CUNHA — S. VICENTE)

## Século XVII

| | |
|---|---|
| Fundação . . . . . | Depois de 1606 |
| Ampliação . . . . . | 1626 |
| Restauros . . . . . | Séc. XVIII e XIX |
| Transformações . . . . . | No século actual |

**[Freguesia das Escolas Gerais]**

## Breve notícia histórica

*O Palácio dos Teles de Meneses, neste século mais conhecido pelo Palácio Alfredo da Cunha, com frente sobre o Largo de S. Vicente, é uma edificação que remonta ao princípio do século XVII, em casas nobres cujas características hoje mal se descortinam.*

*No final do século XVI o sítio não passava de terrenos áridos e soltos, a dentro da Cerca Fernandina que perto lhe corria, pelo Nascente. Em 1606 o presidente do Senado de Lisboa, D. João de Castro, que veio a ser mais tarde governador e capitão-general do Algarve, deu começo à construção da alta e sólida muralha de sustentação das terras que ficavam sobranceiras ao adro de S. Vicente — cujo mosteiro andava em reedificação — obra cujo testemunho se encontra ainda em duas lápidas encastradas na mesma muralha, sobre o Largo de S. Vicente.*

*Diogo Soares, que foi secretário de Estado do Conselho de Portugal em Madrid, no tempo de Filipe II, obteve dos cónegos agostinhos regrantes do mosteiro de S. Vicente — ao qual pertencia o domínio directo do terreno — autorização para ali construir umas casas nobres, que caiam sobre o adro, actual Largo, e sobre a Travessa das Bruxas, hoje, com o prolongamento até ao Largo da Graça, chamada Rua da Voz do Operário (1915), depois de ter sido Rua da Infância (1888). Este Diogo Soares vendeu as suas casas ao general D. Manuel de Meneses, da Casa dos Condes de Cantanhede, casado com D. Maria de Castro, que em 1626 se declarava foreira ao mosteiro agostinho, e logrou acrescentar à propriedade mais um pedaço de terreno no mesmo sítio, ainda sobre o adro. Passaram depois as casas nobres, então já consideradas um palácio na sua ligação interna, à filha do casal D. Ana de Castro e Silveira, e desta a D. Joaquina Maria de Meneses, casada com Aires Teles de Meneses. Este e sua mulher venderam, em Março de 1669, as suas casas de S. Vicente a João Morato Roma, filho, julga-se,*

*do médico da corte Dr. Francisco Maria Morato. Foi o João Morato que, em Novembro de 1670, alienou a Luís Freire de Andrade, casado com D. Isabel de Castro Pereira, comendadeira da Ordem de S. Tiago — conforme reza a escritura — «as casas nobres grandes, com quintais, cisterna e várias casas» (dependências interiores), sobre o Largo de S. Vicente, e «outras casas de sobrado, lojas e quintal», sobre a Travessa das Bruxas, constituindo tudo um núcleo palaciano. D. Isabel de Castro, viúva, alienou depois, por 10.000 cruzados, a propriedade, livre de vínculo ou de morgado, a Fernão Teles de Meneses, um dos generais das campanhas da Restauração. Em 1734 o Palácio de S. Vicente era do neto daquele general, Gonçalo Vieira da Silva Teles de Meneses.*

*Em 1758 fez-se escritura de renovação de emprazamento, em vidas, a favor de Pedro Vieira da Silva Teles, que já era o proprietário do palácio, por ocasião do Terramoto (que no edifício provocou estragos, logo reparados), ao tempo menor ainda e tutelado por seu tio Frei Manuel de Távora, bailio de Malta; Pedro da Silva Teles veio a ser marechal do Exército, e no seu palácio de S. Vicente residia em 1816. Seis anos depois as casas nobres reunidas de S. Vicente já eram de Gonçalo da Silva Teles, filho do marechal (que fora feito Barão de Anciães) e de D. Rita José de Lencastre, e em 2 de Outubro de 1824 o citado Gonçalo dotou com as casas de S. Vicente sua noiva D. Mariana Catarina de Noronha, com quem veio casar; em 1847 aquele Gonçalo reuniu os foros, como a lei lhe permitia, em benefício de sua mulher.*

*D. Mariana de Noronha faleceu em 19 de Abril de 1879, sem descendência, e os seus herdeiros, vinte e tantos anos mais tarde, em Novembro de 1902, venderam o palácio a D. Agostinho de Sousa Coutinho, Marquês do Funchal, filho do 3.º Conde de Linhares, D. Rodrigo, e de D. Ana de Mendonça Rolim de Moura Barreto.*

*O brasão de armas dos Silva Teles, na frontaria do palácio, foi substituído pelo dos Coutinhos.*

*Pouco tempo demorou o Marquês do Funchal na propriedade que fora dos Teles de Meneses; em 2 de Maio de 1906 a propriedade foi adquirida pelo Dr. Alfredo da Cunha, escritor e jornalista, falecido em 22 de Fevereiro de 1942, que profundamente transformou o palácio interiormente (arquitecto Bigaglia), dando-lhe um outro caracter, muito diverso do primitivo, e expandido os jardins com aquisição de parcelas de terrenos situadas a Norte da propriedade.*

*O Palácio de S. Vicente, que teve aura fidalga em vários periodos da sua história, e sobretudo no tempo de D. Mariana de Noronha — cuja casa era frequentada pela nobreza de S. Vicente e por escritores consagrados —, pertence hoje ao Dr. José Coelho da Cunha, filho do Dr. Alfredo da Cunha, o qual no palácio continuou a fazer obras de ampliação e alindamento.*

*O Palácio Alfredo da Cunha é hoje um verdadeiro museu de cerâmica de azulejos, em colecção selecta de espécies que não pertencem aos fundamentos da casa, e pacientemente reunidas pelo actual proprietário.*

# INVENTÁRIO

*O Palácio dos Teles de Meneses, ou Alfredo da Cunha, mostra um semblante repousado na sua face principal, sobre o Largo de S. Vicente, onde avulta, em plano alto, o andar nobre que os restauros não amesquinharam.*

## Exterior

Pode anotar-se:

**A Fachada Principal,** cujo corpo do edifício assenta sobre a muralha de sustentação, a qual nalguns pontos atinge sete metros de altura; e nele:

O *andar nobre* com sete janelas de sacada com varões de nós, do tipo seiscentista, e esferas armilares nos vértices extremos das grades das sacadas; uma ordem de sete janelas de peito no andar superior; o *portão do palácio,* n.º 5, na extremidade Poente da fachada, já fora do corpo do edifício, emoldurado de cantaria, com cornija saliente, e portas de madeira chapeada; um escudo sobre a janela central do andar

nobre com o monograma A. C., que substitui as armas dos Coutinhos, como as destes substituiram a dos Teles de Melo; superiormente, acompanhando o edifício por ambas as faces, um friso de azulejos contínuos; um pavilhão ou terraço (século actual) construido sobre o átrio do palácio, e constituido por duas janelas, coroadas por arco de volta perfeita, divididas por um pilar, e revestidas de gelosias;

**Duas Lápidas,** encastradas na muralha, uma delas, a maior, com inscrição latina em oito linhas, bastante sumidas e de difícil leitura, e cuja tradução (P.e Ernesto Sales), assim se pode dar: «*Esta rua tão formosa veio acrescentar realce ao templo; eis uma obra menor que adorna outra maior. Qual seja o nome do autor escusado é declará-lo; toda a cidade o proclama à boca cheia. 1606*». A outra lápide, sob aquela, mais pequena, esclarece: «*A cidade mandou fazer esta obra a custa do real do povo*».

A **Fachada Nascente,** sobre a Rua da Voz do Operário, e nela, sobre o pano da muralha:

Quatro janelas de sacada, idênticas às da fachada principal, e, superiormente, outras tantas de peito; uma porta, n.º 2, de serviço do palácio, trivial; um muro de prolongamento do edifício para Norte, de suporte dos jardins e de construção deste século, e, nele, superiormente, quatro janelas de arco de volta perfeita, revestidas de gelosias, correspondendo a um terraço; no andar térreo mais nove portas, sendo duas de garagem do palácio e seis de estabelecimentos industriais, inquilinos do prédio.

(A *Fachada Nascente* do palácio, na entrada do Telheiro de S. Vicente, é apenas assinalada por uma fresta iluminante, e por uma face do pavilhão ou terraço já referido, construido sobre o átrio da entrada).

## Interior

O Interior do palácio, com inúmeras salas e dependências, acusa os restauros e transformações, sobretudo já deste século, e o pouco que transparece de caracter seiscentista, ou que como tal possa ser tomado, encontra-se apenas na escadaria, que abre do Largo de S. Vicente e, ainda, na traça de alguns tectos.

Anota-se:

A **Escadaria** de feição primitiva, abobadada em arco de cesto no primeiro lanço, e em abobadilha de aresta no segundo; revestimento das paredes com silhares de azulejos colocados já neste século (arquitecto Bigaglia); no topo do primeiro lanço o brasão de armas dos Silva Teles, que até 1902 adornou a frontaria do palácio — seis conchas e dois leões rompantes.

As **Salas** do palácio, no andar nobre, acusam quase todas transformações ordenadas pelo Dr. Alfredo da Cunha no actual século e das quais se encarregou, como se disse, o arquitecto Bigaglia.

Citam-se, sem ordem de sequência:

A **Sala de Entrada,** que abre da Escadaria; com tecto de tabuado à portuguesa, portas emolduradas de cantaria, e as pa-

redes com silhares de azulejos idênticos aos da Escadaria (nesta Sala se encontra um quadro, em cópia perfeita, da «Rendição de Breda», de Velasquez, e que pertenceu à colecção Daupias);

O **Salão de Baile,** com tecto de Bigaglia em estuque, a dois tons de cor; as paredes, cobertas na parte superior com quadrelas de estuque, e revestidas de silhares de azulejos do século XVIII, representando cenas de caça e palacianas; abrem deste Salão três janelas sobre o Largo de S. Vicente;

A **Sala de Visitas** ou **do Teatro,** também transformada por Bigaglia, com tecto apainelado de madeira, em seis quadrelas pintadas a cinzento; as paredes revestidas com silhares de tapeçarias Gobellins, do século XVIII, e, superiormente, decoradas com emolduraçoes polícromas a fresco e grinaldas nas sobreportas; o palco que foi destinados aos músicos e a recitações, e exteriormente guarnecido de faixas de Gobellin; duas janelas sobre o Largo de S. Vicente;

A **Sala da Biblioteca,** recentemente remodelada, muito decorativa: com tecto antigo de tabuado à portuguesa; duas portas, guarnecidas de mármores e com colunas italianas (pertenceram à Ermida das Mercês da Rua do Século); as paredes forradas a damasco vermelho; abrem desta Sala uma janela sobre o Largo de S. Vicente e outra sobre a Rua da Voz do Operário;

A **Sala da Jantar,** transformada em 1922, com tecto de masseira, pintado em tom escuro; revestimento das paredes com silhares de *azulejo «pedrarias»*, do começo do século XVII senão do final do século XVI, do tipo dos do convento da Madre de Deus, ao qual talvez tivessem pertencido; uma *grande lareira,* de tipo português, interiormente formada de azulejos hispano-árabes (pertenceram ao Convento de Santo António de Vila Franca), com cornija e bases de mármore de Montelavar; sobre a lareira dois leões em cerâmica branca da China (eram do Palácio das Águias, na Junqueira; desta Sala abre uma larga porta envidraçada para os jardins.

A **Sala do Bilhar,** com tecto liso, frisos de tapeçaria Gobellin circundando a sanca; revestimento, primitivo, de silhares de azulejos policromados do estilo D. Maria I, do tipo da basílica da Estrela, de factura, talvez, da fábrica do Rato; nesta Sala, que tem duas janelas sobre a Rua da Voz do Operário, se encontra uma boa colecção de quadros a óleo e a aguarela, de bons autores, e de estampas e gravuras antigas;

No segundo pavimento uma **Sala de Estar,** com tecto apainelado em quadrelas, com remates antigos, avivados a ouro; *mosaicos florentinos* admiráveis (faziam parte das colunas da Igreja do Convento de Santa Joana, em Lisboa); fogão revestido do mesmo material nobre; uma sobreporta de talha dourada; revestimento de *silhares de azulejos* do princípio do século XVII (Madre de Deus); um magnífico frontal de cerâmica de azulejos polícromos, dos fins do século XVIII, proveniente de uma dependência da igreja da Penha de França;

A pequena **Sala de Caça,** recentemente reconstruida, com silhares de azulejos do século XVII, primitivos do palácio;

A casa da **Copa,** com tecto de tabuado à portuguesa, chão de tejoleira, e revestimento de azulejos do século XVIII, com cenas campestres, e outros do século XVII, do tipo «pegas».

Contíguo ao jardim do terceiro plano: uma *passagem coberta*, ou terraço com tecto apainelado, com cinco arcadas de volta redonda, no estilo das do Palácio Soure em Évora; revestimento de azulejos polícromos, de tipo tapete, da mesma época e factura dos da Madre de Deus, de Lisboa, atrás citados.

Assinala-se ainda, comunicante com a Sala de Visitas, um **Jardim de Inverno** (do século actual, arranjo de Bigaglia), com silhares de azulejo do tipo do século XVII. (Nesta dependência está colocada a coluna de Gutenberg, cujo plinto é revestido de matrizes de chumbo do *Diário de Notícias*, peça que figurou na redacção deste jornal).

## Os jardins

*Os Jardins do palácio, em três planos alcandorados, merecem uma referência especial de conjunto; eles constituem um pequeno museu de cerâmica portuguesa de azulejo, em colecção pacientemente reunida pelo actual proprietário, com a aquisição de espécies dispersas por antiquários e em propriedades nos meios rústicos.*

O *Jardim Inferior*, ao nível do andar nobre, com um dos seus lados caindo sobre a Rua da Voz do Operário, e adornado de maciços de buxos e muretes, é o mais interessante dos três dispostos em socalcos ou planos.

Sem referências às suas localizações, sumàriamente se anotam algumas das espécies e *peças artísticas reunidas nos três jardins*.

*— Friso de azulejos do século XVIII, que revestem a sanca exterior da ala Sul (pertenceram ao Palácio dos Condes de Redondo, em Santa Marta);*

*— Uma sobreporta em azulejos, representando a «Virgem» (pertenceu à Igreja da Penha de França);*

*— Dez grandes painéis, a azul e branco, historiados (pertenceram à Capela de Santa Iria, de Santarém);*

*— Um grande painel policromo, representando S. Cristóvão, do século XVII, factura espanhola, tipo de Alcora (pertenceu a uma capela do Barreiro e esteve na posse de um particular);*

*— Uma porta manuelina, de entrançados, com gárgulas, encastrada num parede do jardim inferior (fez parte de uma ermida da Portela de Sacavém);*

*— Na concavidade a que aquela porta dá guarnição: revestimento de azulejos policromos setecentistas (advieram de uma quinta no Pragal, Almada);*

*— Uma série de azulejos de laçaria azul, setecentistas (pertenceram à Quinta de Pina Manique, em Manique do Intendente);*

*— Panos de azulejos da fábrica do Rato, em revestimento de muretes, constituídos por grinaldas;*

*— No Jardim Inferior: volutas e fogaréus, de cantaria (pertenceram à Igreja do Convento do Rego); bustos de mármore, italianos (advieram do Palácio Foz, aos Restauradores); um lago, tipo de Versailles, cópia de um dos lagos de Queluz;*

*— Ainda no Jardim, encastrado no topo de um recanto: o* Nicho de Oratório *da Rua das Tendas, n.º 5, ali situado até 1927, peça setecentista da velha Mouraria;*

*— No topo do Jardim do segundo plano: painéis de azulejos, representando os «Passos da Vida da Virgem» (advieram de uma ermida de S. Sebastião, em Almada);*

*— Figuras recortadas em azulejos setecentistas (pertenceram a uma casa nobre do Paço do Lumiar);*

*— Uma bela porta de gradaria de século XVIII (da Quinta do Leão da região de Almada);*

*— Um* frontal *policromo, de azulejos tipo persa, do final do século XVII;*

*— No terceiro plano: uma grande* painel *historiado, com magnífica figuração realista, representando os arcanjos S. Miguel e S. Rafael, com duas portas falsas em azulejos, encastradas na parede do painel, e revestidas de guarnições amarelas;*

*— Uma pérgola, com muretes de azulejos palacianos do século XVIII (Paço do Lumiar), estando o pavimento empedrado em ondas, a negro e branco, pelos moldes da que existiram no Rossio, até 1919.*

*— Vários registos de azulejos, e peças datadas, entre as quais um «Batismo de Cristo» — 1696;*

*— Num miradouro do terceiro plano: revestimento de belos azulejos policromos, setecentistas, representando os três santos populares e as quatro estações do ano (pertenceram a uma quinta da região de Almada);*

*— No Picadeiro, situado acima do terceiro jardim, e contíguo pelo Poente ao Telheiro de S. Vicente: oitenta e dois* padrões de azulejos, *de tipo e desenho todos diferentes, e todos do século XVII.*

# PALÁCIO S. MARTINHO

## (CRUZ DE SANTA HELENA)

## Século XVIII

Fundação . . . . . Séc. XVII
Transformações e restauros . . . Sécs. XVIII e XIX

[Freguesia das Escolas Gerais]

## Breve notícia histórica

*O Palácio dos Condes de S. Martinho — Palácio da Cruz de Santa Helena — situa-se no Largo do Siqueira, próximo e a Sul de S. Vicente. A sua história tem estado por fazer.*

*Não sabemos, rigorosamente, quem o fundou, mas não há dúvida que é uma construção seiscentista, hoje completamente descaracterizada.*

*Em 1755, por ocasião do Terramoto, pertencia a Rui Vaz de Siqueira, fidalgo de boa linhagem, que descendia da Casa dos Siqueiras, de S. Martinho dos Mouros (Resende, Beira Alta), e mais remotamente de Gonçalo Anes Redondo, senhor de Santa Maria de Siqueira (Barcelos), da qual proveio o apelido Siqueira para a família. Fizeram parte desta estirpe Diogo Lopes de Siqueira — ou Sequeira — que foi governador da India em 1518, e casou com D. Maria Freire, e D. Ascenço de Siqueira Vasconcelos, que em Elvas promoveu a aclamação de D. João IV.*

*O citado Rui Vaz de Siqueira, proprietário do Palácio da Cruz de Santa Helena — do qual nos ocupamos — teria herdado a casa nobre de um de seus maiores, sendo tradição na família (da qual não nos foi possível consultar o tombo) que esse ascendente seria um dos Sousas Chichorros, ramo da casa nobilíssima dos Sousas.*

*De Rui Vaz de Siqueira descendeu D. Ascenço de Siqueira Freire de Sousa Chichorro Abreu Cardoso, 1.º Conde de S. Martinho, nascido em 1765, senhor do Solar dos Cardosos em S. Martinho dos Mouros, e de vários morgados, sobretudo em Elvas, o qual casou com uma senhora dos Figueiredos Cabrais, da Ota, que veio a ser 1.ª Condessa de Belmonte. O 1.º Conde de S. Martinho, a despeito de possuir muitos solares no Minho, Douro e Alentejo, habitava normalmente o seu palácio de Santa Helena, assim como a sua descendência: D. António Ascenço, 2.º Conde, casado com uma senhora da casa dos Condes Barões de Alvito, falecido em 1833; D. Ascenço António, 3.º Conde, que casou com uma sua prima, D. Maria Domingas Antónia de Siqueira, falecido em 1907; D. António Ascenço, falecido em 1947, e os actuais proprietários D. Ascenço, D. António e D. Vasco, todos dos mesmos apelidos Siqueira Freire de Sousa Chichorro de Abreu Magalhães Cardoso.*

*Pequenos pormenores nos baixos do palácio, e alguns panos de azulejos, fazem recuar a fundação da casa ao final do século XVII, assente, por ventura, sobre núcleo primitivo, do qual não nos chegou notícia.*

*As transformações e restauros que o Palácio dos Siqueiras-S. Martinho recebeu no século passado devem-se, sobretudo, ao 3.º Conde, homem de esmerada educação e cultura, que foi acérrimo legitimista. Contudo os restauros a que o Terramoto obrigou — pois o palácio ficou então muito danificado — já deviam ter desfigurado, mormente nos tectos das salas, o velho solar dos Siqueiras, o qual nunca teve — deve dizer-se — grande aura aristocrática ou mundana; até ao tempo do 3.º Conde e da Condessa, sua prima, D. Maria Domingas, o palácio foi um lar íntimo, muito digno, visitado por selectas pessoas da fidalguia de S. Vicente.*

*Hoje parece uma sombra, rodeado de descuidados jardins e de algumas árvores seculares.*

# INVENTÁRIO

*O Palácio da Cruz de Santa Helena oculta-se, da rua, dentro do pátio nobre, e tem vários pavimentos e baixos, e foram estes que as transformações não atingiram, embora se mantenham inexpressivos.*

## Exterior

Anota-se:

O *portal*, de entrada para o pátio, aberto no muro, em rotunda, no Largo do Siqueira, com características do fim do século XVII, pilares abaulados de cantaria, fechando em volutas no arco de volta perfeita, sobre o qual assenta uma pedra de armas, de escudo bipartido, mostrando de um lado as cinco conchas dos Siqueiras, e no outro lado, esquartejado, as quinas e os leões, dos Sousa Chichorros. (Este brasão é mais simples do que aquele que usam, desde o século passado, os Conde de S. Martinho, que é esquartelado: cinco conchas (Siqueiras), cinco asas ou cotos (Abreus), leões e quinas (Sousa Chichorros), dois leões ladeando um cardo (Cardosos).

A **Frontaria,** na face Sul do Pátio, na qual se abre o portão de acesso, com alpendre, e cujo andar nobre ostenta ao centro uma janela central de sacada, assenta sobre mísulas, tendo por cada lado três janelas de peito;

A **Fachada** na ala *Nascente,* sobre o Pátio, com quatro janelas de peito; (no pátio, que conserva algumas árvores seculares, nasce uma rampa que conduz aos jardins, e uma passagem para os baixos abóbados do edifício; neste pátio mantêm-se antigas cocheiras, hoje depósitos e garagem; numa dessas dependências se guarda um coche dourado, pertença dos Condes de S. Martinho, mas que há muitos anos não é usado);

A **Fachada Posterior,** sobre a Rua dos Corvos, mais alta, por motivo do desnível da rua, com três andares, cada um com cinco janelas, sendo as do andar nobre de sacada. (Sobre as Escadinhas do Arco de D. Rosa cai o muro de anteparo dos jardins).

## Interior

Pode assinalar-se:

O pequeno *Átrio,* com tecto de estuque branco liso, e um ligeiro friso ou rodapé de azulejos polícromos, a vinho e azul, do século XVIII.

As *Salas* do palácio acusam nìtidamente restauros do século passado. Anota-se sumàriamente:

**A Sala Luís XVI,** ou **Encarnada,** e nela: um *belo tecto* de masseira, revestido de estuques de relevo avivados de ouro, com grinaldas e flores; as sobreportas com ovais e ornamentos de flores; bons silhares de azulejos, do século XVIII, representando cenas palacianas e campestres, com guarnições a amarelo e vinho;

O **Salão de Baile,** ou **Sala Amarela,** rectangular, com formoso tecto de estuques em admiráveis relevos de arte, em quadrelas e rosetas, e cuja sanca é também enobrecida por estuques trabalhados (do tecto pendem dois grandes lustres dourados);

**A Sala Império,** também com tecto de estuques, em relevo; uma **Sala,** com tecto de tabuado à portuguesa, e guarnição de silhares de azulejos do final do século XVII (deve ser das que menos se descaracterizaram nos restauros); a **Sala de Jantar,** com tectos de estuque tendo por motivos flores e frutos (arranjo do começo do século passado); a **Sala de Fumo,** com paredes forradas a seda; a **Sala de Entrada,** a **Sala Chinesa,** e outras com as mesmas características de tecto de estuque da escola de João Grossi;

A pequena **Capela,** com tecto em cúpula e lanternim, revestida de azulejos do começo do século XVIII, e com uma tribuna de cada lado;

Um **terraço,** belo miradouro sobre a Alfama e o rio, com muretes revestidos de azulejos do século XVIII.

No Palácio S. Martinho o mobiliário artístico é pouco mas valioso; entre os quadros a óleo, quase todos de personagens da família, conservam-se também alguns de D. Miguel I, e entre eles um, em traje civil, dos últimos anos da vida do rei exilado.

(Nas dependências dos baixos do edifício notam-se características do século XVII, em arcos, cantarias e abóbadas).

# PALÁCIO MESQUITELA

O portal e a frontaria do Palácio Mesquitela sobre o Largo D. António de Sousa de Macedo (antigo Poço Novo)
É actualmente a Escola de D. Maria I (pág. 26)

# PALÁCIO ALARCÃO

O portal seiscentista, na Rua Fernandes Tomás, e a fachada Poente do antigo Palácio Alarcão (pág. 30)

# PALÁCIO TELES DE MELO

Fachada principal e lateral Sul do antigo Palácio dos Teles de Melo na confluência da Calçada do Cascão e Rua do Paraíso, vendo-se o portal nobre, idêntico ao de outra fachada lateral na Rua Remédios (pág. 44)

# PALÁCIO MESQUITELA

## Século XVII

Fundação . . . . . Primeira metade do séc. XVII
Restauros. . . . . Sécs. XVIII e XIX

[Freguesia das Mercês]

## Breve notícia histórica

*O Palácio dos Condes de Mesquitela, do Poço Novo — Largo que desde 12 de Agosto de 1937 passou a denominar-se de Dr. António de Sousa de Macedo — é uma edificação seiscentista, meramente representativa pelo portal brasonado, pelo cunhal também brasonado, pelo semblante de algumas janelas, e por alguns pormenores do seu interior.*

*Foi erguido, crê-se, por D. Gonçalo de Sousa de Macedo, contador-mor do Reino, pai do estadista D. António Sousa de Macedo, que no palácio faleceu em 1 de Novembro de 1682.*

*Um bisneto daquele secretário de Estado de D. Afonso VI, D. Luís de Sousa de Macedo, Barão da Ilha Grande de Joane, foi feito em 1754 1.º Visconde de Mesquitela, e uma sua filha, D. Maria José de Sousa, casou em 1772 com D. José Francisco da Costa e Sousa, descendente dos nobres Costas do século XVI, antepassado dos Condes de Soure.*

*Deste casamento é que resultou a ligação dos Costas com os Sousas de Macedo, havendo D. José Francisco sido feito 2.º Visconde de Mesquitela e armeiro-mor, cargo que andou sempre na família.*

*O 3.º Visconde e 1.º Conde (1818) foi D. Luís da Costa de Sousa de Macedo e Albuquerque — casado com uma filha dos Marqueses de Rio Maior e irmã do Marechal Duque de Saldanha, fidalgo que era senhor do Morgado da Bacalhoa, em Azeitão, propriedade que nos fins do século XVIII passou para os Mesquitelas, e deste facto a junção do apelido Albuquerque ao dos Costas e Sousa de Macedo. Teve este D. Luís três filhos: D. João Afonso da Costa de Sousa de Macedo e Albuquerque, 4.º Visconde e 2.º Conde de Mesquitela, feito Duque de Albuquerque em 1886, e que no Palácio do Poço Novo morreu, sem geração, em 1890, D. Luís António, dos mesmos apelidos de seu irmão primogénito, que foi 5.º Visconde e 3.º Conde, e D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo, Conde de Vila Franca do Campo (1870), diplomata e escritor erudito, falecido em 1901. O Palácio, de que nos ocupamos, passou então para este ramo segundo dos Mesquitelas: os Vila Franca, que, pode dizer-se, não chegaram a residir no palácio dos seus maiores.*

*Em 1904 instalou-se no edifício a Escola Comercial de Rodrigues Sampaio, recentemente convertida em escola feminina do mesmo ensino, e denominada de D. Maria I.*

*O Palácio pelo Terramoto — era então do 1.º Visconde D. Luís — sofreu alguns estragos, logo reparados, e algumas transformações e restauros, sempre sumários, no século passado.*

*O seu tempo áureo, político e literário, foi o da segunda metade do século XVII, quando vivia o estadista de D. Afonso VI, o erudito D. António Sousa de Macedo, e no século passado, quando nele habitava D. António da Costa de Sousa de Macedo, filho do 1.º Conde de Mesquitela, escritor falecido em 1892.*

*O Palácio Mesquitela pertence hoje a D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca) filho do Conde de Vila Franca e neto do 1.º Conde de Mesquitela.*

# INVENTÁRIO

*O Palácio Mesquitela é hoje uma sombra do que foi, e a passagem a estabelecimento de ensino do Estado, não o restaurou sequer. O seu exterior é representativo de um passado de três séculos.*

## Exterior

Anota-se:

A **Fachada Principal,** sobre o Largo de D. António de Sousa de Macedo, constituída por quatro corpos contíguos, divididos por pilastras, com dezasseis janelas de sacada e duas de peito; o *portal nobre,* do século XVII, com arquitrave de tímpano aberto onde assenta a *pedra de armas* dos Sousas de Macedo, usadas até ao tempo do 1.º Visconde de Mesquitela — escudo partido, tendo a primeira pala cinco escudetes em cruz cada um com cinco besantes e, por baixo, leão armado (armas dos Sousas do Prado), e na outra pala, a toda a altura, cinco estrelas de cinco pontas postas em santor — (do 2.º Visconde para diante os Mesquitelas mudaram as suas armas para escudo esquartelado dos Costas, Macedos e Albuquerques); cimalha alta em curva, sobre o portal nobre; dezasseis portas de estabelecimentos, abertos no século passado na frontaria, em substituição de algumas portas de serviço do palácio;

A **Fachada Poente,** sobre a Travessa do Judeu, com três janelas setecentistas de varões de ferro (uma delas é falsa); o *cunhal* do Largo para a Travessa, ostentando uma decorativa pedra de armas, idêntica à do portal nobre, mas de maiores dimensões e relevo.

(Sobre a Travessa do Alcaide corre o muro Nascente do Pátio).

## Interior

O **Pátio,** descaracterizado, vendo-se ao fundo quatro grandes portas guarnecidas de cantaria simples, e fechando em arco de volta redonda (antigas cocheiras e cavalariças); cinco portas do lado Poente, rematadas em tímpano semi-circular, coroado de ática; várias portas de serviço, inexpressivas, que servem os corredores;

As **Salas** do velho palácio — hoje aulas — não possuem interesse algum que vá além de painéis de azulejos do século XVII e XVIII, dos olarias do Monte Sinay. Cumpre assinalar:

A *sala de entrada*, de empedrado à portuguesa (1863), para a qual abrem as cinco portas citadas, revestidas as paredes de altos panos de azulejos azuis, com motivos de florões e figurinhas aladas, vistosas cercaduras e espaldar decorativo; várias salas, de características do século XVII nos alisares de mármore rosa, nos silhares de azulejos, e nos tectos de tabuado à portuguesa; nalguns corredores azulejos polícromos do século XVII.

# PALÁCIO ALARCÃO

## (BOA VISTA)

## Século XVII

Fundação . . . . . 2.º quartel do séc. XVII
Restauros . . . . . Séc. XVIII

[Freguesia do Marquês de Pombal]

## Breve notícia histórica

*As casas de D. João de Alarcão, à Boa Vista — e que em tempos poderiam ter merecido a qualificação de palácio — remontam, no núcleo primitivo, pelo menos ao segundo quartel do século XVII. Situam-se ao Conde-Barão na esquina das Ruas da Boa Vista e das Gaivotas. Em 1641 eram essas casas de D. João Soares de Alarcão e Melo, 8.º Alcaide-mor de Torres Vedras, filho de D. João Soares de Alarcão, mestre sala da corte, e poeta, que foi 2.º Conde de Torres Vedras e 7.º Alcaide-mor. Não se sabe quem mandou erguer o primitivo palácio.*

*Aquele D. João Soares de Alarcão e Melo, depois da Restauração, tomou o partido de Espanha, combateu contra Portugal, recebeu os títulos de 3.º Conde de Torres Vedras e 1.º Marquês de Turcifal; as casas da Boa Vista foram-lhe confiscadas e arrendadas a Francisco de Brito Freire, mas em 1668 — assinada a paz — voltaram à posse de D. João, de quem em 1669 se transmitiram ao filho, D. Francisco, que fora também partidário de Filipe IV. Após um demanda, em 1677 o palácio dos Alarcões passou ao 2.º Conde de Avintes, D. António de Almeida, cuja mulher era neta de D. João de Alarcão, sendo então o prédio sub-rogado ao inquilino Brito Freire, morgado de Santo Estêvão e genealogista. Teve depois o palácio vários possuidores; quando das invasões francesas era de Francisco José Pereira e no final do século passado de D. Paulina Benevides. Hoje pertence à viúva de António Duarte Oliveira, e está, em parte arrendado à Câmara Municipal, que ali mantém a escola primária n.º 2, na parte nobre antiga, ocupando também dependências a Liga 28 de Maio e um serviço da Caixa Geral de Depósitos, além de dois estabelecimentos.*

*No tempo da primeira invasão francesa o palácio foi muito frequentado pelos generais Laborde, Foy e outros, e por parentes de Junot.*

*Um dos grandes salões ostentava pinturas atribuídas a Volkmar Machado.*

# INVENTÁRIO

*O antigo Palácio Alarcão não oferece interesse descritivo, pois é hoje uma sombra do passado, como tantos em Lisboa.*

## Exterior

Anota-se apenas:

Os *cunhais* de cantaria, sólidos; *o portão seiscentista,* na esquina da Rua das Gaivotas, n.º 2, para a Rua Fernandes Tomás, de grossas colunas e verga abauladas; o *pátio* nobre, hoje desfigurado, e onde subsistem as antigas cocheiras, e, nele o *portal* da escadaria, revestida de silhares de azulejos do século XVIII, muito mutilados.

As *Fachadas:*

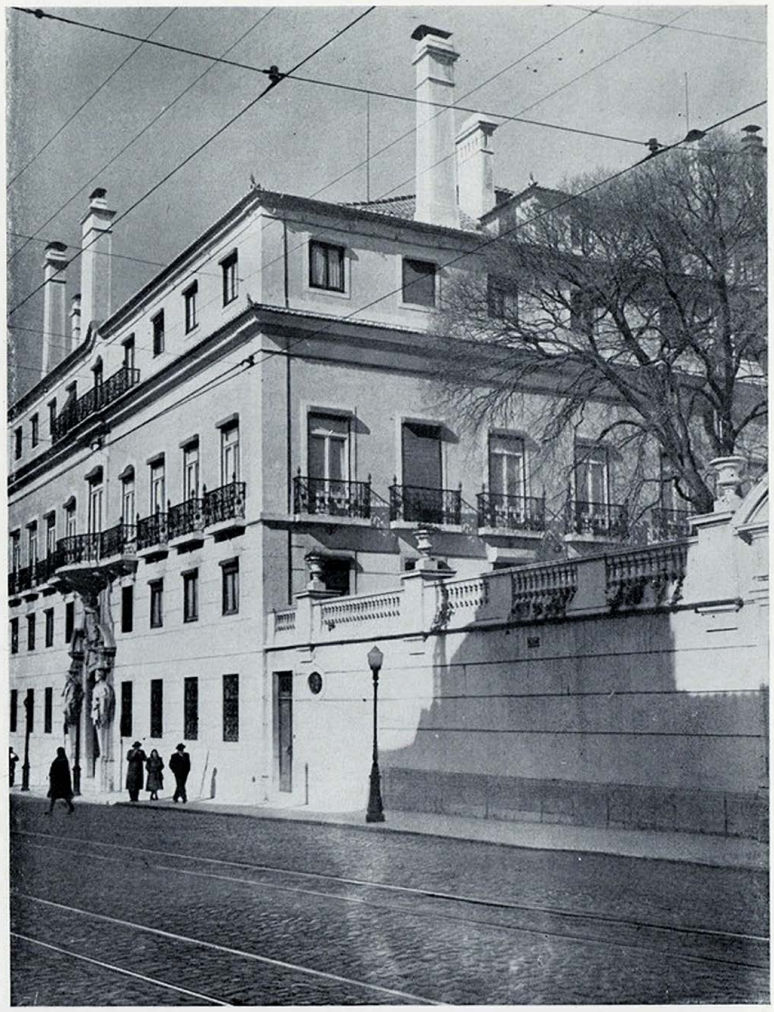
O edifício mostra cinco janelas de sacada, e outras tantas de peito, sobre a Rua da Boa Vista, e seis de sacada sobre a Rua das Gaivotas, todas elas da época de restauro no século passado.

O Interior do velho palácio não merece qualquer referência.

# PALÁCIO ALCÁÇOVAS

A correcta frontaria seiscentista do Palácio dos Condes das Alcáçovas, na Rua da Cruz dos Poiais, vendo-se o portal armoriado mas que não corresponde ao primitivo (pág. 33)

# PALÁCIO PALMELA



A frontaria do Palácio dos Duques de Palmela na Rua da Escola Politécnica, distinguindo-se o portal nobre e parte da fachada Sul sobre os jardins (pág. 55)

# PALÁCIO ALCÁÇOVAS

## (CRUZ DOS POIAIS)

## Século XVII

| | |
|---|---|
| Núcleo fundamental . . . . . | Séc. XVI |
| Fundação . . . . . | 1681-1684 |
| Restauros e transformações . . . . | Séc. XVIII e XIX |
| Novos restauros . . . . . | 1949 |

[Freguesia das Mercês]

## Breve notícia histórica

*O Palácio Alcáçovas, da Rua da Cruz dos Poiais, é uma construção do último quartel do século XVII, mas o seu núcleo primitivo remontava ao final do século XVI. Com efeito em 1605 Luísa Franca, casada com Mateus Ferreira, comprou neste sítio, do lado da «Rua da Rochela» — assim se denominava — uma morada de casas quinhentistas; em 1622, Cristóvão Ferreira, talvez filho de Mateus, adquiriu a Mateus Jorge e sua mulher Andreza Pinheira outra morada antiga de casas, contígua à primeira citada. Mais tarde Diogo Passanha Falcão (que foi pai de D. Sebastião de Andrade Pessanha, arcebispo de Goa) tornou-se senhor das duas moradias, que reuniu numa única casa nobre, a qual correspondia, em situação sensìvelmente à metade, do lado Sul, do actual Palácio dos Condes das Alcáçovas.*

*A Norte daquelas casas referidas existia um assento de outras casas nobres que pertenciam, em 1648, a Garcia Roiz de Távora, com frente a Nascente para a Rua da Portaria de Jesus — pois assim se denominava a, depois, chamada Rua da Cruz —, casas que confinavam com terras do Morgado da Cotovia, Francisco Soares. Em situação correspondiam as casas nobres de Roiz de Távora à metade Norte do actual Palácio Alcáçovas.*

*Em Janeiro de 1681 a casa nobre, citada acima em primeiro lugar, e então ainda não acabada, foi vendida pelo dito Diogo Passanha Falcão a Aires de Saldanha Meneses e Sousa, fidalgo e militar, do conselho de El-Rei, que exerceu os cargos de governador do Algarve, da Madeira e de Angola,*

*filho de Luís Saldanha e de D. Violante de Mendonça, 4.º neto de Diogo Lopes de Saldanha, fundador no reinado de D. Afonso V do ramo português dos Saldanhas, e casado com D. Luísa Inês de Távora, filha dos Morgados de Oliveira.*

*O mesmo Aires de Saldanha, logo em 1684, comprou ao citado Garcia Roiz de Távora a casa nobre que este possuia contigua à que fora de Passanha Falcão, e nesse mesmo ano instituiu o Morgado dos Saldanhas, de Jesus, cuja cabeça do vínculo ficou sendo o palácio unificado, para o que Aires de Saldanha fez derrubar as duas casas nobres adquiridas, reconstruindo um único enorme edifício. Disfrutava o palácio de terrenos de pomar e olival, que chegavam pelo Poente até defronte do Mosteiro de S. Bento da Saúde, e constituiram, com jardins, a «Quintinha do Saldanha», denominação que durava em 1801, e persiste hoje na actual Rua da Quintinha; a dita «Quintinha» ocupava parte da área que se chamou nos séculos XVI e XVII «Vale das Donas».*

*(Deu-se neste capítulo um certo desenvolvimento à história regressa do Palácio Alcáçovas porque ela é inteiramente inédita).*

*O 8.º e último morgado do Saldanha foi o 2.º Conde das Alcáçovas, D. Caetano de Sales Henriques Pereira de Faria Saldanha de Vasconcelos de Lancastre, casado em 1842 com D. Teresa de Sousa Holstein, filha dos 1.os Duques de Palmela, e irmão do 1.º Conde, D. Francisco de Sales, dos mesmos apelidos, ambos filhos de D. Luís de Vasconcelos e Sousa, este filho do 2.º Marquês de Castelo Melhor, o qual D. Luís casara em 1808 com D. Teresa Francisca de Paula Henriques Pereira de Faria Saldanha de Lancastre, filha única, e herdeira, de D. Caetano Alberto Henriques, dos mesmos apelidos, 11.º Senhor das Alcáçovas e descendente de D. Fernando Henriques, filho de Henrique de Castela, que veio para Portugal no tempo de D. Duarte.*

*Esse último morgado, D. Caetano, sobreviveu a seu filho D. Luís, 3.º Conde, e por sua morte, em 1894, extintos os morgados, houve que fazer partilhas, cabendo o palácio da Rua da Cruz dos Poiais ao seu filho, D. Alexandre Henriques Pereira de Faria e Lancastre, Conde de Cuba, falecido em 1917; foi este fidalgo quem por testamento legou o palácio do antigo morgado dos Saldanhas a seu sobrinho, o actual 4.º Conde das Alcáçovas (1900), D. Caetano Henriques Pereira de Faria Saldanha e Lancastre, filho do 2.º Conde D. Luís, antigo oficial-mor e aposentador-mor da Casa Real, par do Reino, casado com a Condessa D. Maria Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa, neta dos Condes de Rio Maior, veneranda senhora que foi e é dama da Rainha D. Amélia.*

*O Palácio Alcáçovas é dos poucos de Lisboa que se conserva na posse da família do seu fundador, o 1.º Morgado de Saldanha de Jesus, que quando adquiriu as duas casas nobres, que unificou, reedificando quanto antes existia, manteve no palácio o cunho seiscentista. Os descendentes de Aires de Saldanha promoveram, por sua vez e em várias épocas, restauros e transformações. O Terramoto, ao contrário do que cronistas da época escreveram, poucos estragos causou no edifício, sendo o mais notório a queda de um terraço, em construção, na ala Norte sobre os jardins; era então administrador do Morgado D. Caetano Alberto Henriques, 11.º Senhor das Alcáçovas.*

*A «Quintinha», ou seja os terrenos rústicos do Morgado de Saldanha de Jesus, foi sendo aforada em várias épocas para urbanização. O antigo pátio nobre, a Norte, onde se situou durante quase três séculos a entrada principal voltada a Norte, foi em parte alienado recentemente (1949) pelo proprietário, desaparecendo o arco de volta abatida, em vão aberto, que dava acesso ao palácio, sendo transformado o átrio, pelo qual se passou a dar ingresso ao palácio através de um portão nobre, n.º 111 da Rua da Cruz dos Poiais. Nos restos que perduram do pátio foi construida uma garagem particular da casa.*

*No Palácio Alcáçovas, onde a traça seiscentista nitidamente se surpreende, através dos restauros dos séculos XVIII e XIX, residem presentemente os actuais Condes, e alguns dos seus filhos, e ainda, na ala da parte Sul, como inquilinos, a Condessa da Ponte e pessoas de sua família. (José António Saldanha de Meneses e Castro de Sousa, 5.º Conde da Ponte por sua mulher a Condessa D. Leonor de Saldanha da Gama, foi o 3.º administrador deste Morgado de Saldanha).*

# INVENTÁRIO

*O Palácio Alcáçovas, da Rua da Cruz dos Poiais, a partir para Norte, desde a esquina da Travessa da Arrochela, e que termina defronte do final da Rua Eduardo Coelho, do lado oposto, é uma edificação de repousado semblante e aparência característica do século XVII, num único corpo contínuo.*

## Exterior

Anota-se:

A **Fachada Principal,** e nela:

O *andar nobre* (único) acima de um entablamento, constituído por *treze janelas de sacada,* com varões de nós, coroadas por cornija saliente e decorativa; o portão principal, n.º 111, ocupando a altura do edifício até às cornijas das janelas, emoldurado de cantaria com remate de tímpano aberto, no qual se situa a pedra de armas dos Condes das Alcáçovas: escudo partido em pala, tendo na primeira as armas dos Henriques — escudo mantelado, com um castelo em baixo e dois leões batalhantes nos campos superiores —, e na segunda pala as armas dos Lancastres — armas do Reino com filete em contrabanda, este actualmente desaparecido —, coroa de condado e timbre de pelicano dos Lancastres; o andar térreo, com várias portas e janelas, correspondentes a dependências de inquilinato, entre elas a porta n.º 101, que serve a ala Sul do palácio;

A **Fachada Sul,** sobre um pequeno pátio, com sete janelas do tipo das do andar nobre;

A **Fachada Norte** (pela qual se fazia até há pouco a entrada principal), sobre o antigo pátio nobre, com três janelas baixas de grades de serralharia artística, e uma porta de serviço;

A **Fachada Poente,** posterior do edifício, em corpos irregulares, com dezasseis janelas de sacada;

Um pequeno e antigo pedaço de pomar, no qual, numa extremidade, foi colocada uma *pedra de armas* dos Saldanhas (advinda de outro local na antiga quinta) — escudo constituído por uma torre rematada por uma cruz, com timbre de águia aberta.

## Interior

O Interior do Palácio Alcáçovas, nos seus vários pavimentos e rebaixos, mostra ainda a traça das amplas casas nobres seiscentistas, embora os restauros em parte o desfigurassem.

Pode assinalar-se:

O primeiro **Átrio,** onde hoje se abre a porta principal do palácio, revestido de silhares de azulejo de tipo tapete xadrezado; um arco de volta abatida (até há pouco rasgado em vão aberto); cadeirões com o brasão dos Alcáçovas;

O segundo **Átrio,** ou vestíbulo, com silhares de azulejos guarnecidos de cercadura, dos princípios do século XVIII ou final do

século XVII (neste átrio está colocado um grande retrato a óleo de D. Francisco de Almeida, vice-rei da Índia, que pertenceu à Casa do Lavradio);

As **Salas,** dos quais se destacam:

O **Salão Nobre,** rectangular, com as portas e três janelas rematadas por cornija (século XVII), as paredes revestidas de silhares de azulejos xadrezados do século XVIII; tecto liso com as armas da Casa em pintura; portas de boa madeira do Brasil (entre o recheio notam-se as quatro estações do ano em cerâmica branca do Rato, e um retrato de D. Luís de Lancastre, filho do Duque de Coimbra);

A **Sala Verde,** com as ombreiras de mármore rosa (século XVII); silhares de pinturas a fresco, com largas emoldurações de paisagem (século XIX); tecto liso;

A **Sala Império,** com tecto apainelado, com pinturas a fresco retocadas a têmpera, caracterizadas por grinaldas; as paredes revestidas de pinturas (século XIX) representando grandes colgaduras e com medalhões de estilo Império; frizo superior circundante no mesmo estilo;

A **Sala Luís XIV,** com janelas sobre o jardim, e sobreportas com pinturas do estilo Luís XIV, e tectos apainelados, presentemente estucados a branco;

A **Sala de Jantar,** restaurada sem as características primitivas, e com ombreiras de mármore rosa da época da fundação do palácio, e que caracterizam quase todas as salas.

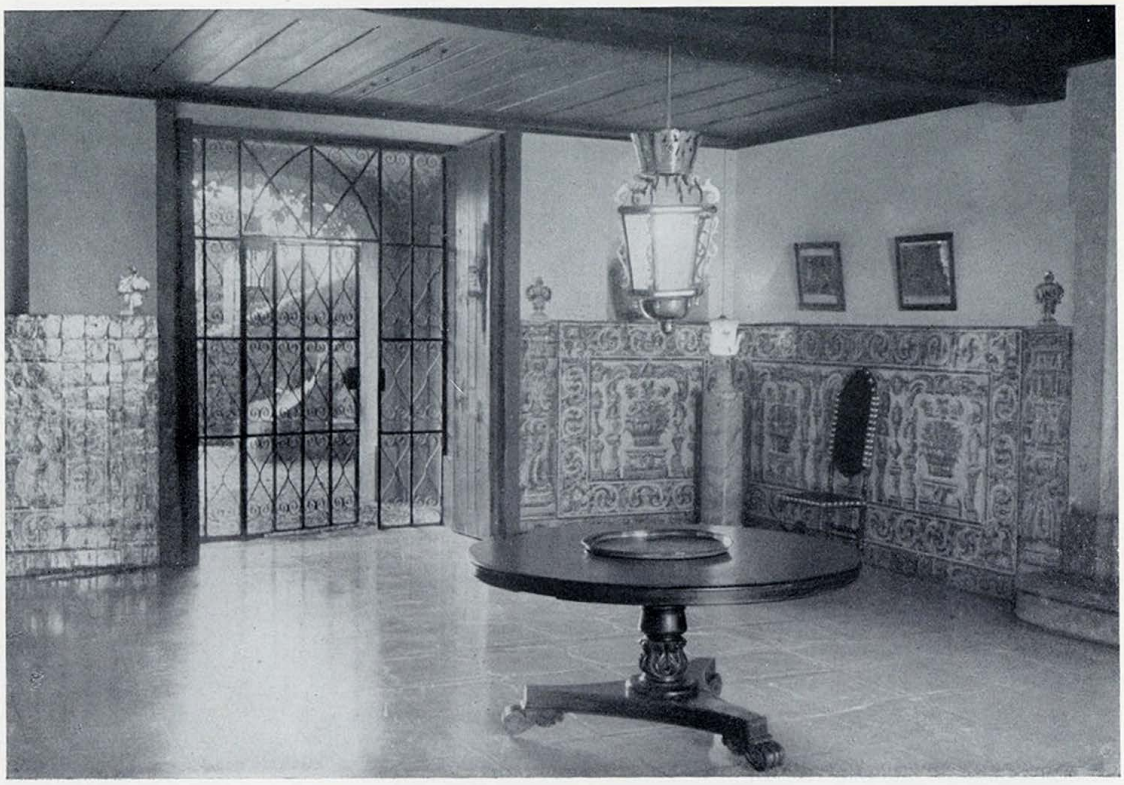
(Outras saletas e câmaras acusam os restauros e transformaçõees de várias épocas. Entre o recheio do palácio pode citar-se uma tapeçaria Haubusson, assinada, um busto magnífico, de mármore, representando o embaixador D. Luís da Cunha, assinado J. B. Xavery, 1737, vários retratos dos Condes e Condessas de Alcáçovas, entre os quais um da actual Condessa, por Eduardo Malta).

# PALÁCIO CARNIDE

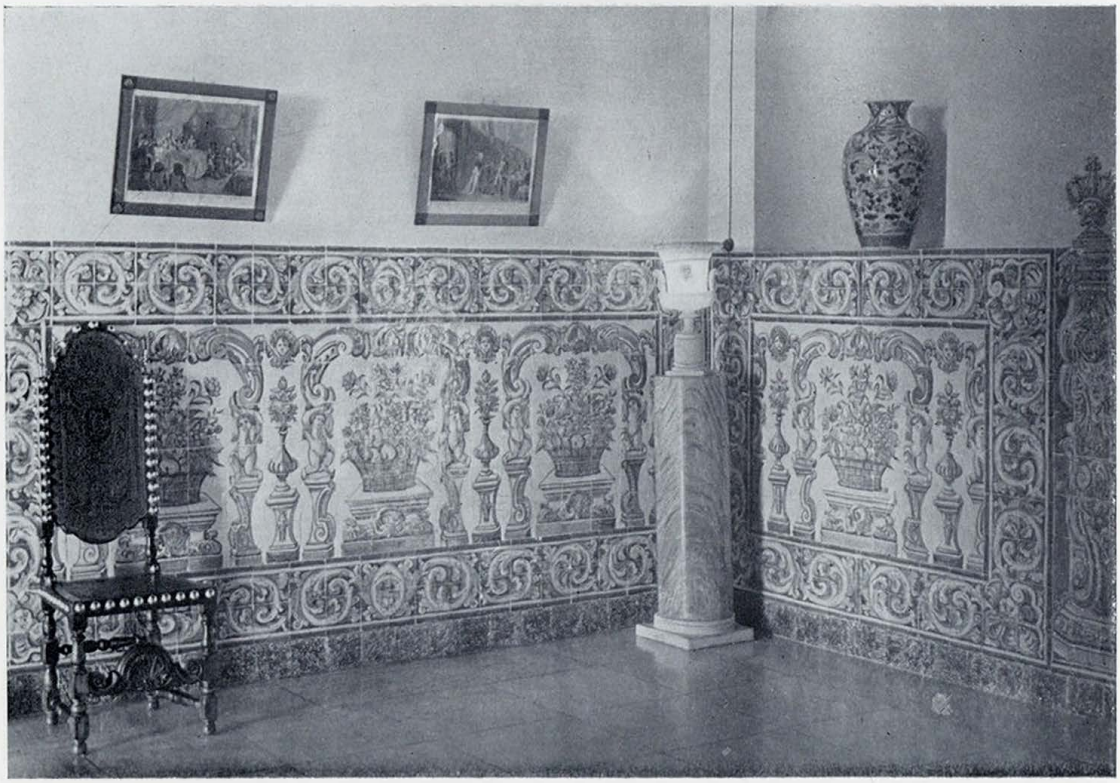
Fachada principal do Palácio dos Condes de Carnide, sobre o Largo do Jogo da Bola, vendo-se o portal nobre sob o alpendre (pág. 36)

# PALÁCIO POMBEIRO

Fachada do antigo Palácio dos Condes de Pombeiro, sobre o Largo, que é desde o começo deste século a Legação de Itália (pág. 40)



Átrio do Palácio Carnide, com a gradaria que abre para os jardins (pág. 37)



Recanto de uma sala revestida de bons silhares de azulejos idênticos aos do átrio (pág. 38)

# PALÁCIO CARNIDE

## Século XVIII

| | |
|---|---|
| Núcleo primitivo . . . . | Final do séc. XVII |
| Reconstrução . . . . . | 3.º quartel do séc. XVIII |
| Transformação e restauros | Séc. XIX |

**[Freguesia de Carnide]**

## Breve notícia histórica

*O Palácio dos Condes de Carnide é uma fundação do século XVIII, ainda que o seu núcleo primitivo de casas nobres remonte, sem dúvida, ao século XVII, e a parte rústica seja muito mais antiga.*

*Uma parte da propriedade principal, fundamental da Casa, pertencia no século XVIII a Diogo José Nordes Maya, cujos herdeiros, a aforaram no começo do terceiro quartel desse século a José Francisco da Cruz, feito em 1765 Morgado da Alagoa, de Carcavelos, homem de grande valimento comercial, e rico capitalista, que exerceu altos cargos públicos em Portugal e no Brasil, para onde abalara muito novo, e, na Baía estabelecera comércio, no qual prosperou. O Morgado da Alagoa transformou radicalmente as casas que haviam sido dos Nordes Maya, e cuidou com esmero da Quinta do Malvar, que adquiriu, e na parte Nascente da qual as moradias se integravam; no seu palácio morreu em 1768, sucedendo-lhe na posse da propriedade sua mulher D. Maria Joaquina Pacheco.*

*Por morte desta o palácio e quinta do Malvar vieram às mãos de Joaquim Inácio da Cruz, irmão de José Francisco, como liquidação de dívidas que o fundador do palácio contraira com Joaquim Inácio; este fora também para a Baía em 1737 com seu irmão, e lá ficou quando o irmão mais velho passou a Lisboa. Na Baía Joaquim Inácio veio a casar com uma senhora muita rica, D. Ana Joaquina Inácia da Cunha, cuja situação financeira parecia comprometida com créditos insolúveis, e à qual o marido valeu por suas influências em Lisboa, e por sua amizade com o Marquês de Pombal. Foi em Junho de 1780 que Joaquim Inácio da Cruz Sobral — pois fora em 1776 feito Senhor de Sobral, e era, como o seu irmão fora, conselheiro e tesoureiro mor do Real Erário — tomou posse da propriedade de Malvar, com casas nobres, jardins, larga quinta e terrenos rústicos, e datam da sua administração as primeiras obras de restauro e alindamento do palácio, ampliação da propriedade rústica e seu alindamento paisagístico, havendo adquirido, como antes fizera seu irmão de 1768 a 1772, sucessivas parcelas de terreno e vinhas a vizinhos, entre os quais o padre Joaquim Roiz Raposo, e assim entraram na Casa do Cruz Sobral as terras do Malvar pequeno, Granja, Estardim, Rosais, Espongeiras, Panasqueira, etc.*

*Falecido Joaquim Inácio, a propriedade de Carnide ficou para sua mulher D. Ana Joaquina Inácia da Cunha, que manteve o vínculo, legando, porém, esse Joaquim Inácio o seu palácio de Lisboa, no sítio do Calhariz, e outros, a seu irmão mais novo, Anselmo José da Cruz Sobral. A viúva, que não tinha filhos, veio a casar, em segundas núpcias, com o Dr. José Street de Arriaga Brum da Silveira, filho de Guilherme Street, cônsul inglês no Faial, e de D. Bárbara Naudin de Arriaga, oriunda de uma família nobre faialense. O Dr. José Street e sua mulher — da qual advieram o palácio e quinta de Carnide —, instituiram, em 1784, o Morgado de Carnide, ficando a Casa e Quinta do Malvar como cabeça do vínculo. Em Novembro de 1801 os citados primeiros administradores do morgado de Carnide fizeram doação do morgadio ao irmão e cunhado Guilherme Street de Arriaga Brum da Silveira, mestre de campo das Ilhas do Faial e do Pico, casado com D. Bárbara de Arriaga Pimentel de Mesquita. O terceiro proprietário da importante casa (já haviam sido extintos os morgados) foi o filho daqueles, o Dr. José Street de Arriaga e Cunha, 1.º Visconde de Carnide (1871), par do reino, que em Carnide nasceu em 1805, e onde morreu em 1885. Seu filho Guilherme, dos mesmos apelidos, 2.º Visconde, e 1.º Conde (1890), sucedeu na posse da propriedade; casou com D. Sofia Lívia Ferrari Schindler, foi diplomata ilustre e par do Reino, falecendo em 1898. O actual proprietário do palácio de Carnide, e 2.º Conde, filho do antecessor, é o engenheiro José Street de Arriaga e Cunha, casado em 1916 com D. Maria Teresa Van-Zeller de Castro Pereira, de quem houve dois filhos, D. Maria Cecília Sofia e José Manuel, ambos já casados.*

*Vê-se assim que o Palácio de Carnide esteve na posse dos Cruzes Alagoa e Sobral cerca de trinta anos no século XVIII, e perdura na família dos Condes de Carnide há 168 anos.*

*A Quinta de Carnide teve grande desenvolvimento agrícola depois de 1843, no tempo do 1.º Visconde, José Street, que nela se recolheu num período de crise dos seus negócios em Londres, e que era considerado um dos mais notáveis agrónomos portugueses. Foi durante a administração dos Streets no morgado de Carnide que se construiram os andares superiores de dois corpos do palácio, e as salas se restauraram sem grandezas, é certo, quebrando a característica setecentista, mas com dignidade de solar nobre arrabaldino.*

*No Palácio de Carnide esteve instalado o quartel general do general Conde de Bourmont, das forças miguelistas que atacaram Lisboa (1833). Muitas foram as personalidades de nome que, episòdicamente, se instalaram, em várias épocas, no palácio, entre os quais o Marquês de Pombal, por duas vezes, no tempo de Joaquim Inácio, e no actual século o conselheiro e estadista João Franco Pinto Castelo Branco, genro da 1.ª Condessa de Carnide, D. Sofia Lívia Ferrari Schindler.*

# INVENTÁRIO

*O Palácio Carnide, que, com sua quinta, matas, jardins, granja rústica e anexos, ocupa uma larga área, que chega a Benfica, tem a sua frente orientada a Norte, sobre o Largo do Jogo da Bola. Mostra um conjunto de fachadas e de anexos que bem diz da sua grandeza antiga.*

## Exterior

Nota-se:

**A Fachada Principal,** constituída por seis corpos de edifícios contínuos e ligados, e nela: dezasseis janelas de peito, de guilhotina, no andar nobre, onde se nota também uma alta fresta envidraçada, iluminante; um andar superior sobre os dois corpos de extremidade Poente, construção do terceiro quartel do século passado com cinco janelas iluminantes e três mansardas; o pavimento térreo com várias janelas gradeadas e três portas, sendo uma delas, n.º 1, a principal do palácio, emoldurada de cantaria simples (na frente destes seis corpos, sobre a rua, estão colocados treze marcos de pedra); a Poente do núcleo principal situam-se vários anexos, guarne-

cido de platibanda de balaustres, correspondendo a antigas cavalariças e armazéns agrícolas.

A **Fachada Sul**, sobre os Jardins, irregular, na qual se assinalam, principalmente, três corpos, com seis janelas de peito de guilhotina, nos corpos extremos, e, no corpo central, cinco janelas do mesmo tipo e uma porta que abre para o patim superior da escadaria circular setecentista que conduz aos jardins; dois andares superiores, construídos em 1870, nos quais se rasgam treze janelas de peito.

## Interior

O Interior do Palácio Carnide é constituído por inúmeras salas e câmaras, além de muitas dependências da antiga exploração agrícola, estas no pavimento térreo. Mostra a configuração característica dos solares arrabaldinos.

Anota-se:

O **Átrio**, e nele: o *tecto* de madeira liso; uma *porta de grade*, ao fundo, do século XVIII, muito decorativa, e deixando ver parte dos jardins; *silhares* de belos azulejos setecentistas, em quatro painéis, monócromos, guarnecidos de pilastras e volutas, com cestos de frutos nos frontais; duas janelas para a rua, e duas portas, uma em cada lado, correspondendo a do lado esquerdo à Escadaria.

A **Escadaria**, em dois lanços com corrimão de pedra, e, nela, as paredes cobertas com *painéis* de azulejos, monócromos, do final do século XVIII, representando cenas de caça à perdiz com falcão e aos veados; uma figura de azulejo, recortada, representando um centurião, do tipo setecentista de alguns palácios de Lisboa; panos armoriados nas passagens das portas de acesso e do topo, com as armas dos Carnides: duas palas, a primeira dos Streets com três rodas de navalhas em roquete, a segunda dos Cunhas, nove cunhas, três a três, e, por timbre, um grifo com as asas abertas.

Das muitas *Salas* do Palácio cumpre destacar:

A **Sala dos Retratos**, reconstruida no começo do século XIX, com tecto levantado tendo ao centro uma rotunda oval, todo de estuque com leves ornatos, de pintura a fresco, representando aves e grinaldas; um fogão guarnecido a talha; um magnífico contador do século XVII, de embutidos preciosos de marfim, com o retrato de Afonso de Albuquerque; retratos a óleo do fundador do morgado de Carnide, José Street, de seu irmão Guilherme, e do filho deste, José Street (este retrato é obra de António Manuel da Fonseca);

A **Sala das Rosas**, com tecto liso com ornatos de estuque patinados de ouro; nesta sala se encontra quatro quadros a óleo, S. Jerónimo, S. João Baptista, Arquimedes e Demóstenes, alguns dos quais atribuídos a discípulos de Ribera;

A **Sala de Estar**, com tecto liso, e guarnições de madeira escura nas paredes; nesta sala estão colocados vários quadros, entre os quais uma «Sibila», «Fornarina» e «Santa Cecília»;

A **Sala da Escrevaninha,** com tecto de tabuado à portuguesa, e rodapé de *azulejos do século XVIII,* do tipo de navio e flores, com guarnição; nesta se encontra um magnífico contador hispano-árabe, de tipo Granada;

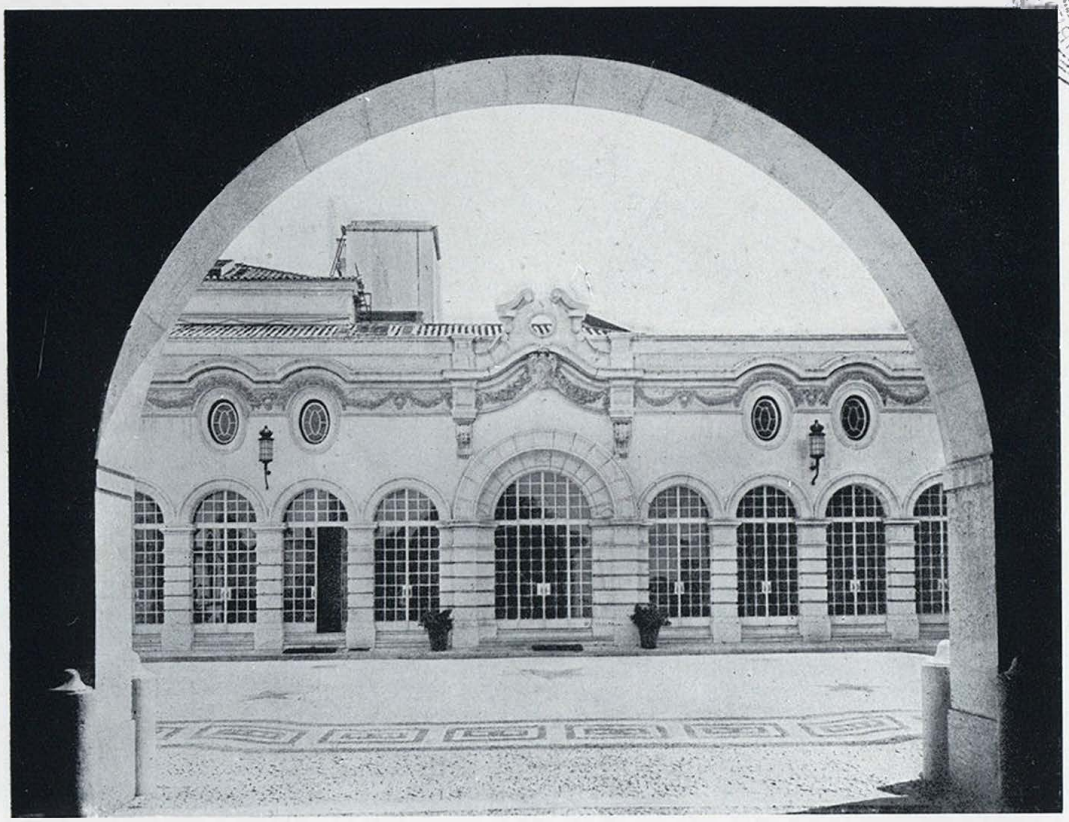
Uma **Saleta,** de tecto de tabuado à portuguesa, com silhares de azulejos, em painéis com cercadura, do princípio do século XVIII, talvez os únicos que subsistam da primitiva casa nobre.

O **Jardim,** no posterior ao edifício, e nele: uma *Escadaria,* que nasce de uma das salas, em lance circular, com duas estátuas mitológicas no patim, e revestida de *azulejos,* azul e branco, simulando pilastras, cerâmica que parece remontar ao final do século XVII, do tempo da casa nobre que antecedeu o palácio; magnífica paisagem de *buxos altos e seculares,* mais espessos que os de Queluz; dois grandes vasos de pedra, de estilo Renascença, e, acompanhando o topo do jardim na passagem para a mata, um interessante *murete* circular de guarda, com admiráveis *panos de azulejos* contínuos, do final do século XVII, ou princípio do século XVIII, representando cenas de caça e de pesca, e, neste tipo, um dos mais raros de Lisboa.

(A Mata e a Quinta mostram ainda restos de antiga beleza em construções simétricas, que parecem anteriores ao morgado dos Alagoas-Sobral; os terrenos rústicos prolongam-se até as Azinhagas da Fonte e do Poço do Chão, e à Granja, em Benfica).

# PALÁCIO POMBEIRO

Um ângulo do pátio nobre do antigo Palácio dos Condes de Pombeiro, vendo-se uma parte dos painéis de azulejos, nos quais se figura o Marquês de Belas, reedificador da casa (pág. 41)



Ala Sul do Pátio, cujo envidraçamento abre para as salas modernas (pág. 41)

Composição a óleo, «Triunfo de Apolo», no tecto da Sala Pompeiana (pág. 42)

A Sala Pompeiana na qual se notam frisos de pintura a fresco (pág. 42)

# PALÁCIO POMBEIRO

## Século XVIII

| | |
|---|---|
| Fundação . . . . . | Princípio do séc. XVIII |
| Reedificação . . . . . | Final do séc. XVIII |
| Restauros e transformações. . | Sécs. XIX e XX |

**[Freguesia dos Anjos]**

## Breve notícia histórica

*O Palácio Pombeiro, sito no Largo do Conde de Pombeiro, à Bempostinha, não tem sido estudado, ou suficientemente referenciado, pelos nossos olisipógrafos. Pouco transparece da sua história que permita, ao menos, um esboço de monografia. Neste trabalho procurou-se, e em parte se conseguiu, coligir elementos dispersos e dar corpo a notícias que nos foram transmitidas pelos descendentes actuais dos primeiros senhores da casa.*

*O Palácio Pombeiro, no seu núcleo primitivo, casa nobre dos Castelo Branco, senhores do morgado de Sacavém, e senhores de Pombeiro e de Belas, remonta ao começo do século XVIII, e embora não se saiba, ao certo, quem o fez erguer, pode admitir-se que tenha sido o 3.º Conde de Pombeiro, D. Pedro de Castelo Branco da Cunha Correia e Meneses, senhor de Belas e do morgado de Castelo Branco, em Santa Iria (Sacavém), fidalgo nascido em 1679, falecido em 1733, filho do 2.º Conde, D. António de Castelo Branco da Cunha, e neto do 1.º Conde, D. Pedro. Este 1.º Conde foi casado com D. Luísa Ponce de Leão, camarista da Rainha D. Catarina de Bragança, viúva de Carlos II de Inglaterra, senhora que para erguer o seu Paço da Bemposta adquiriu neste sítio, então pouco povoado, e em Santa Bárbara, muitos tratos de terrenos, dos quais nem de todos se utilizou para a construção do seu paço e quinta, fazendo doações e cedências, das quais também teria beneficiado a sua camarista. Esta sobreviveu à Rainha, pois morreu em 1707, já havia então nascido (1679) seu neto, o acima citado 3.º Conde de Pombeiro, que, por seu pai, herdara os bens dos avós.*

*Certo é haverem os Pombeiros, já antes do 6.º Conde e 1.º Marquês de Belas, residido na casa vizinha da Bemposta, embora dispuzessem do magnífico palácio e quinta de Belas. Este 6.º Conde, D. José Luís de Vasconcelos e Sousa, filho do 1.º Marquês de Castelo Melhor, recebeu o título por efeito do seu casamento com D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha, que herdara de seu pai títulos e senhorios; foi embaixador em Londres e recebeu em 1801 o título de 1.º Marquês de Belas.*

*A este fidalgo, muito culto e dado a belas artes, se deve a reedificação da casa nobre dos Pombeiros já no penúltimo decénio do século XVIII, no tempo de D. Maria I; a documentação do facto encontra-se no arquivo da Casa dos Condes da Figueira, o que não é de estranhar, pois um filho daquele 1.º Marquês de Belas, D. José de Castelo Branco Correia e Cunha de Vasconcelos e Sousa, casou em primeiras núpcias com D. Maria José de Melo Meneses e Silva, Senhora do Morgado da Figueira, e foi feito em 1810 Conde da Figueira, residindo no seu palácio de Santo André, onde ficaram muitos dos papéis e documentos referentes aos Pombeiros-Belas.*

*O Palácio Pombeiro foi reedificado quase integralmente pelo 6.º Conde, como ficou dito, no estilo da transição do século XVIII para o XIX, sem relevo arquitectónico exterior, e conservou-se na posse da família até ao 3.º Marquês de Belas e 9.º Conde de Pombeiro D. António de Castelo Branco, que sucedeu no marquesado, em 1834, a seu avô, 2.º Marquês, e no condado, em 1867, a seu pai, 8.º Conde; foi este D. António, nascido em 1842, e falecido em 1891, o celebrado cavaleiro tauromáquico amador, fidalgo primoroso mas indiferente a bens terrenos. Cerca de 1870 o palácio foi alienado pelo seu proprietário — o último Pombeiro da Bemposta — ao famoso Duque de Saldanha, então já bastante idoso, que no palácio chegou a residir, assim como pessoas de sua família, entre as quais uma sobrinha do 2.º Conde de Farrobo e de sua mulher D. Eugénia de Saldanha Oliveira e Daun, esta filha do Duque de Saldanha. O Duque não se demorou na posse do palácio, que vendeu em 1875 ou 1876 ao 1.º Visconde de Azarujinha, mais tarde Conde do mesmo título, António Augusto Dias Freitas, rico industrial, que ascendeu a par do Reino, falecido em 1904. Foi a este titular que o governo de Itália adquiriu logo no começo do século o Palácio Pombeiro, para nele se instalar a Legação de Itália, até então ocupando o Palácio dos Viscondes de Correia Godinho no Campo de Santa Clara, e que sofrera um grande incêndio.*

*No decorrer do século XIX o palácio beneficiou de novas transformações e restauros, pouco lhe ficando do seu caracter puro setecentista, e no século actual a Legação da Itália promoveu também obras de restauro na casa que foi dos Pombeiros, simplificando o aspecto de algumas salas, sobretudo sobre o pátio nobre.*

*Um dos artistas que trabalharam no palácio, quando da sua reedificação, foi o professor de pintura João Tomás da Fonseca, que florescia no final do século XVIII, e falecido em 1835; a ele se deve a pintura do tecto de uma das salas, representando o «Triunfo de Apolo», e parece que o próprio artista residiu no palácio, talvez no tempo das obras.*

# INVENTÁRIO

*O Palácio Pombeiro apresenta um semblante discreto. que nada revela quanto à sua fundação setecentista. Tem as linhas simples, mas harmoniosas, do princípio do século XIX, e ocupa uma área relativamente grande, entre o Largo e a Calçada do Conde de Pombeiro, caindo os Jardins, do lado Nascente, quase sobre a Rua dos Anjos.*

## Exterior

Anota-se:

O *Corpo Central*, com a **Frontaria** sobre o Largo, e nele, no *andar nobre* único, oito janelas de sacada, coroadas de ática, sendo as duas janelas do centro guarnecidas de uma varanda única; dois altos portões, contíguos, que fecham em arco de volta redonda, com três janelas por cada lado, iluminantes; dois corpos, baixos, anexos laterais, o do lado Nascente com duas janelas de peito e uma porta que serve hoje o Consulado de Itália, o do lado Poente, ao qual se encosta, fazendo esquina, a face do palácio sobre a Calçada do Conde de Pombeiro, com três janelas;

A **Fachada Poente,** sobre a Calçada do Conde de Pombeiro, com três corpos, intervalados por terraços, tendo os corpos laterais duas janelas de sacada e o do centro três, todas no tipo das do andar nobre da Frontaria;

A *passagem* para o Pátio, que nasce dos dois portais do palácio e abre por um grande arco de volta abatida; e nela, o tecto a claro escuro (sépia) com o escudo das armas de Itália, repintado sobre o primitivo brasão dos Pombeiros; quatro sobreportas a claro escuro; dois nichos de cantaria com estátuas de mármore «Outono» e «Primavera»; chão de empedrado à portuguesa;

O **Pátio,** quadrangular, e nele: na face Norte, correspondente ao posterior da ala principal do palácio, sete janelas, sendo a do centro de sacada guarnecida de balaustrada de cantaria; na face Poente quatro janelas e uma porta; na face Sul nove grandes portas, contíguas, com arco de volta redonda, e envidraçadas, sobre as quais corre um friso de azulejos decorativos; na face Nascente cinco janelas, sendo a central guarnecida de balaustrada de cantaria; nesta face se abre uma passagem para os jardins;

**Painéis de azulejos** do Pátio, na face Norte, a azul, (primeiro quartel do século XIX) nos quais, entre profusa decoração, nas cercaduras, se representam figuras nobres, nos trajos da transição do século XVII para o XVIII, umas a cavalo, ajaezado e a galope, e outras a pé, passeando e lendo (devem estas últimas figuras querer representar o 6.º Conde de Pombeiro e 1.º Marquês de Belas, reedificador do palácio, homem muito letrado, e, as outras, personalidades da família).

**Painéis de azulejos** na passagem do Pátio para os Jardins, em número de dez, da mesma factura e época dos painéis do Pátio; neles se representam jogos e exercícios equestres e figuras individualizadas de cavaleiros; sumariza-se: «O Ex.mo Sr. Marquês de Marialva», com o seu brasão no painel (flores de lis e quinas); o «Sereníssimo Príncipe D. João» (depois D. João VI) e o «Sereníssimo Príncipe D. José», em lições e exercícios da cavalaria; jogos equestres como a corrida aos pombos, o desafio das «alcanzias» (cavalhadas), a corrida ao estafermo, justas a cavalo, etc., tendo todos estes quadros legendas elucidativas e curiosas (os Pombeiros, Belas e Castelo Melhor foram sempre devotados à arte de cavalaria);

As **Fachadas** posteriores do palácio, sobre os Jardins, em traça irregular e em vários corpos distintos, nos quais se rasgam duas ordens de janelas, algumas de varões setecentistas;

No **Jardim,** do lado Norte, situa-se um obelisco em pedra de agulha, que devia ter tido aposta qualquer inscrição (proveio da Quinta de Belas), e no qual foram colocadas placas de bronze com nomes de italianos, residentes em Lisboa, e mortos na Grande Guerra; no topo: um pavilhão, hoje garagem, em cuja porta está colocada uma pedra de armas, que não é a dos Pombeiros-Belas, vendo-se numa das palas as estrelas dos Coutinhos.

## Interior

O Interior do Palácio Pombeiro mostra ainda algumas boas salas do tempo da reedificação, mas os restauros do actual século em grande parte descaracterizaram muitas dependências.

Anota-se, entre as *Salas* de tipo palaciano:

A **Sala de Entrada,** sobre o Pátio, com portas guarnecidas de ombreiras de madeira, fechando em arco de volta redonda, tecto e paredes de estuque liso branco, e chão de tijoleira;

A **Sala de Baile,** com tecto de masseira, recoberto de estuques brancos filetados de ouro; as portas das janelas coroadas de áticas; pilastras de escariola branca, caneladas, nos ângulos da sala;

A **Sala Pompeiana,** com tecto de masseira sobre o qual avulta uma grande composição a óleo, «Triunfo de Apolo», de João Tomás da Fonseca, com figuração simbólica e indistinta, entre a qual se vêem mulheres, centuriões romanos, personagens coroadas, nomeadamente o Papa Leão X, o Rei D. Manuel I, e uma rainha (pintura da época da reedificação do palácio); nos silhares das paredes, nas sobreportas, sanca, envolvimento do tecto e alizares, delicadas pinturas a fresco de estilo pompeiano.

Uma **Sala,** revestida no rodapé com azulejos a azul, amarelo e vinho (século XVIII), com guarnições, e representando cenas marinhas e de caça.

(Outras muitas salas do palácio caracterizam-se pelas decorações a estuque liso e branco, sem interesse de maior).

# PALÁCIO DOS TELES DE MELO

## Século XVIII

Fundação. . . . . 1701
Restauros . . . . . 3.º quartel do séc. XVIII

[Freguesia de Monte Pedral]

## Breve notícia histórica

*O antigo Palácio dos Teles de Melo, na confluência da Calçada do Cascão com a Rua dos Remédios, à Alfama, é uma construção do princípio do século XVIII, talvez mesmo do ano primeiro, e assenta numa parte onde até então existiram umas casas, que vinham pelo menos de 1563, e haviam pertencido sucessivamente a Francisco Nunes, Jerónimo Garcês, Lourenço Garcês Palha, Pedro Sanches Farinha e Luís Correia da Paz, e noutra parte onde existiram uma casas pequenas, contíguas às ante citadas, que em 1699 Leão da Silva Machado e Morais vendeu a Luís Correia da Paz, deputado da Junta de Comércio.*

*O Palácio dos Teles de Melo, às «Portas da Cruz», foi erguido em 1701 por aquele Luís Correia da Paz, com altanaria, e, falecido seu fundador em 1712, passou, sucessivamente, para seus descendentes directos: o filho, Pedro de Melo e Ataíde, Secretário de Guerra de D. João V, o neto Francisco Xavier Teles de Melo, o bisneto Pedro Teles de Melo (ambos também Secretários de Guerra), o trineto Francisco Xavier Teles de Melo, o quatrineto Pedro João Teles de Melo, de quem passou, cerca de 1867, para sua filha D. Ana Leonor, que veio a ser, por seu casamento, com João Pedro de Lobo Castro Pimentel, Viscondessa de Ervedal. Em 1873 foi o grande imóvel à praça, e comprado, por 6.700$000 réis, por José António Veloso, passando em 1888, por venda directa, a troco de 16.000$000 réis, a José Maria do Espírito Santo Silva, transitando em 1901 para D. Maria Justina do Espírito Santo Silva, casada com o dr. Custódio Moniz Galvão, depois ao filho do casal, dr. Custódio José de Moniz Galvão, há anos falecido. Pertence hoje a sua filha D. Maria Cristina Moniz Galvão.*

*O palácio, que foi restaurado depois do Terramoto, e beneficiou de obras de transformação interior no fim do século passado, perdeu completamente, pode dizer-se que desde 1868 quando começou a andar de arrendamento, a sua característica nobre. É hoje uma sombra, sem mérito de inventário. Um dos inquilinos foi, em 1868, D. Teresa de Oliveira e Sousa, da casa dos Condes de Rio Maior, que ali instalou um colégio, que durou até ao fim do século. Desde 1880 está instalada em pequena parte do edifício uma igreja evangélica. No velho palácio habitam hoje dezenas de famílias, e nos pavimentos térreos instalaram-se vários estabelecimentos comerciais.*

# INVENTÁRIO

*O antigo Palácio dos Teles de Melo é um casarão interiormente incaracteristico, mas apresenta na sua linha quebrada de quatro faces, da Rua dos Remédios à Calçada do Cascão, uma aparência nobre embora adulterada, que explica a sua inclusão no «Inventário de Lisboa», justificada ainda pelo passado histórico.*

## Exterior

Anota-se:

**A Fachada Principal** sobre o largo que faz o começo da Calçada do Cascão, e nela: sete janelas, no andar nobre superior, com varões de nó, e cornija saliente, e outras tantas janelas de peito no primeiro andar; *portal nobre*, n.º 3, emoldurado de cantaria com pinásios tregiminados na extremidade do coroamento (este portal correspondeu no fim do século XVIII e metade do século XIX à capela da casa, que era revestida de talha, sendo então aberta uma porta de serviço do palácio, ainda hoje existente, no n.º 5). A porta de estabelecimento n.º 1 corresponde a uma mercearia, e a n.º 7 a um armazém;

**Fachada lateral**, sobre a ala Sul do pequeno largo, com janelas no tipo das da frontaria principal e duas portas de armazém (antiga estalagem e mercearia do Mascato, do final do século passado e começo do actual);

**Fachada Nascente**, sobre a Calçada do Cascão, com seis janelas do tipo das do andar nobre e outras tantas de peito, e uma porta de serviço de inquilinos, n.º 15.

**Fachada Sul**, sobre a Rua dos Remédios, com cinco janelas de varões no andar nobre e várias janelas de peito, sem simetria; *portal nobre*, idêntico ao n.º 201, da Fachada principal (hoje estabelecimento) e que antigamente serviu o palácio; no andar térreo vários estabelecimentos e uma porta de serviço de inquilinos, n.º 195.

O Palácio dos Teles de Melo, foi, quando da sua construção (1701), encavalgado, parte no exterior e parte no interior, no muro da Cerca Fernandina. Na parede da Calçada do Cascão, que faz esquina para a Rua dos Remédios, está encastrada uma inscrição latina, de onze linhas, em mármore rosa com emolduração, que desde 1656 decorava as Portas ou Porta da Cruz da citada Cerca de D. Fernando, situadas no começo da Rua dos Remédios, e demolidas em 1755. A tradução da inscrição é a seguinte: *Memória consagrada à Eternidade. À Imaculadíssima Conceição de Maria, João IV Rei de Portugal, de acordo com as cortes gerais, pùblicamente devotou a sua pessoa e os seus reinos por tributários de um censo anual, e com juramento se confirmou—a si próprio para todo o sempre como defensor da Mãe de Deus, eleita padroeira do Reino, e imune do pecado original. Para que tão piedoso sentimento português se perpetuasse, mandou exarar esta memória perene em viva pedra no ano de Cristo de 1646, sexto do reinado do mesmo senhor». (A inscrição foi colocada só em 1656).*

## Interior

O Interior do Palácio que foi dos Secretários da Guerra, Teles de Melo, não mostra hoje elemento algum que o distinga ou mereça sequer citação.

# PALÁCIO MARIM-OLHÃO

Fachada principal, marcando-se ainda nele a antiga allanaria setecentista (pág. 45)

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

# PALÁCIO MARIM-OLHÃO

O interessante portal do antigo Palácio dos Marqueses de Olhão, e que abre do antigo pátio nobre (pág. 46)

# PALÁCIO MARIM-OLHÃO

## Século XVIII

Fundação . . . . . 2.° quartel do séc. XVIII

[Freguesia das Mercês]

## Breve notícia histórica

*O decrépito mas altaneiro palácio que foi dos Marqueses de Olhão, Condes de Castro Marim, com fachada principal sobre a Calçada do Combro, esquinando para a antiga Rua Formosa, actual Rua do «O Século» — é uma sólida construção do segundo quartel do século XVIII, e que naquela área avulta pela sua grandeza.*

*Foi mandado erigir por um fidalgo da nobre casa dos Cunhas, sem que se possa precisar seu nome, na melhor das hipóteses D. Pedro, pai de D. Francisco de Melo da Cunha Mendonça e Meneses, 1.° Conde de Castro Marim (1802) e 1.° Marquês de Olhão (1808), 8.° Monteiro-mor, cargo em que sucedeu a seu primo D. Francisco de Melo, descendente dos primeiros monteiros-mores do Reino.*

*O grande palácio sofreu pelo Terramoto alguns estragos, a fazer-se fé pelos depoimentos, aliás contraditórios, dos informadores da época; era seu proprietário então D. Pedro de Melo da Cunha Mendonça e Meneses. Beneficiou o edifício de restauros, e, assim, no seu aspecto primitivo exterior chegou em 1778 à posse do citado 1.° Conde de Castro Marim e 1.° Marquês de Olhão, que só eventualmente o habitava, pois possuia palácio próprio em Xabregas (veja-se «Palácio Olhão», fasc. VI). É de crer que o vasto edifício, que na sua parte posterior não se chegou a concluir, houvesse sido, no terceiro quartel do século XVIII, e por vários períodos, dado a inquilinato, então ainda disciplinado, sem abastardamento de salas.*

*O certo é haver-se instalado na parte principal, em 1801, o «Correio Geral» transferido do edifício dos Correio-mor em S. Mamede, sobre as Pedras Negras (vide «Palácio Penafiel», fasc. IV). O palácio tomou então a denominação de «Correio Geral», que perdurou mesmo depois de o Correio se haver (1881) instalado no Terreiro do Paço, reunindo os serviços de telégrafo e de faróis.*

*Começou então o formoso palácio dos Castro Marim a entrar em franca decadência e promiscuidade de inquilinato, tornando-se interiormente uma colmeia.*

*Na parte posterior, inexpressiva, sobre a Travessa das Mercês, esteve instalado no século passado o famoso jornal «A Revolução de Setembro», que durou de 1840 a 1890, vários outros*

*jornais já no actual século, nomeadamente «A Batalha» na primeira década do regime republicano; na ala principal teve sede uma conservatória do registo civil, depois a Confederação Geral do Trabalho, as «Juventudes Monárquicas», o Sindicato do Pessoal da Companhia Carris de Ferro, que ainda ali está instalado, e uma dúzia de inquilinos, na maioria famílias pobres.*

*O decrépito palácio, que conserva ainda, quase integralmente, as nobres linhas exteriores, foi, em 1922, adquirido pela firma Melo, Castelo Branco, Limitada, a duas venerandas senhoras da casa Castro Marim, D. Margarida e D. Maria do Carmo de Mendonça e Meneses, que residiam no palácio do Melos, em Xabregas.*

# INVENTÁRIO

*O Palácio Marim-Olhão, da Calçada do Combro, merece referência apenas pelo seu semblante setecentista, de linhas arquitectónicas não vulgares em Lisboa.*

## Exterior

Assinala-se:

O **Corpo Principal,** sobre a Calçada do Combro, cortado por quatro pilastras a toda a altura, com o portal nobre antigo, n.º 36, evidentemente diminuido da grandeza que teria tido, fechando em tímpano redondo, envidraçado; o *andar nobre,* com três janelas de sacada, sobrepujadas por óculos iluminantes, e ligadas por varanda de grades, do século passado; duas portas de estabelecimento, ladeando o portal, e que não faziam parte da construção primitiva;

O **Corpo Lateral,** com certa imponência arquitectónica, com quatro pavimentos além do térreo e águas furtadas, e nele, destacadamente: no último andar uma série de sete janelas, com pequenas sacadas de varões; no segundo e terceiro andar (este o nobre) oito janelas em cada, com frontais de cantaria (únicos deste tipo em Lisboa), sendo a janela extrema Poente, contígua à esquina da Rua de «O Século», enobrecida por varanda de balaustres, apoiada em mísulas, coroada de ática, com relevos arquitectónicos na sobreverga; sete janelas de peito no primeiro andar e oito de estabelecimentos no andar térreo;

**Fachada Poente,** sobre a Rua de «O Século», com nove janelas em cada andar sendo as das duas extremidades do andar nobre no tipo arquitectónico da correspondente na Fachada Principal; seis portas de estabelecimento e uma de serviço no andar térreo;

A **Fachada Norte,** sobre a Travessa das Mercês, já de feição inexpressiva, notando apenas uma janela na extremidade, correspondente, na arquitectura, às outras três atrás descritas. (Todo o edifício é revestido de cantaria até à altura do primeiro entablamento).

O **Pátio,** com acesso, sob passadiço, pelo portão da Calçada do Combro, hoje descaracterizado, e, nele, digno de nota, o **Átrio** da Escadaria, que abre de um grande arco de volta abatida, apoiado em colunas piramidais caneladas, com lavores; o Átrio é cortado por um semi-arco apoiado por uma coluna idêntica às do arco abatido, e revestido na altura baixa por balaustrada encastrada nas paredes;

A **Escadaria,** em quatro lanços, com tectos de abobadilha de aresta coberta a cal nos primeiros lanços e de tabuado no último; e nela: no topo do primeiro patim uma porta emoldurada de cantaria, sobrepujado por um óculo de lavores arquitectónicos, com uma cabeça de leão no fecho; balaustradas de cantaria acompanhando os lanços da escada, estando a do lado esquerdo encastrada na parede; no segundo patamar uma porta idêntica à do primeiro;

Sobre uns terrenos contíguos ao Pátio caiem as alas posteriores do edifício do lado Norte e Poente, avultando nas faces janelas do tipo nobre das extremidades das fachadas exteriores.

(As Salas do velho palácio, a maior parte delas subdivididas, não oferecem interesse algum; as pinturas de dois ou três tectos, e que se viam ainda há duas dezenas de anos, desapareceram).

# PALÁCIO FERREIRA PINTO

Frontaria do antigo Palácio Ferreira Pinto, no Largo do Chiado, e que mantém, mesmo depois das recentes transformações, o aspecto exterior de 1830 (pág. 50)

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

# PALÁCIO FERREIRA PINTO

Tecto primitivo de uma das salas do andar nobre do Palácio Ferreira Pinto no Largo do Chiado (Pág. 51)

# PALÁCIO FERREIRA PINTO

## (LORETO)

## Século XVIII

Fundação . . . . . 1791
Transformações e restauros . . . . . 1830 e 1948

[Freguesia dos Mártires]

## Breve notícia histórica

*O grande prédio com frente para o Largo do Chiado, ladeado pelas ruas Paiva de Andrade e António Maria Cardoso — e a que se pode chamar palácio, embora tenha perdido esse semblante — é, no núcleo primitivo, uma construção de 1791, devida a um negociante Francisco Higino Dias Pereira. Em 1801 era da viúva do fundador, e em 1830 foi adquirido por José Ferreira Pinto Basto, grande industrial e comerciante, fundador da fábrica da Vista Alegre, que no palácio realizou grandes obras e transformações, e nele viveu com sua numerosa família. Do reedificador transmitiu-se a seu filho José, e deste ao neto Reinaldo Ferreira Pinto Basto, que, já no decair do século passado, o alienou, em praça, ao comendador Nunes Teixeira, a cujos herdeiros o comprou, em 1902, por 80 contos, a Viscondessa, viúva, de Valmor, D. Josefina Clarisse de Oliveira. O prédio pertence hoje a D. Josefina Herédia, que o herdou da Viscondessa, sua madrinha.*

*O Palácio Ferreira Pinto está ligado à história política de Lisboa do século passado, e bastante à crónica do Chiado. Antes da sua reedificação realizada por José Ferreira Pinto Basto foi habitado (1802-1803) pelo embaixador francês, intruso, João Lannes, depois Duque de Montebelo; residiram nele em 1805 o general Junot e a Duquesa de Abrantes, em 1808 instalou-se ali o quartel general francês e em 1809-1816 o comissariado britânico. Teve o palácio depois vários inquilinos, entre os quais o próprio José Ferreira Pinto, que nele residia já três anos antes de o comprar. O Rei D. Pedro IV visitou-o duas vezes em 1833, depois de transformado. A lista completa do seu inquilinato seria edificante; foi sede do Banco do Porto (1843), do Hotel Peninsular ou da Península (1844--1848), da União Comercial (1854), do Banco Nacional Ultramarino (1860), do Ministério do Reino (1868), dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, do Hotel de Itália e do Hotel Mata (1889), da Associação Central de Agricultura até Outubro de 1946, mesmo depois de, em 1913, nele se haver instalado, na parte nobre, a Companhia de Seguros «A Mundial». Foi esta companhia que realizou em 1948-1950, já único inquilino, as grandes e radicais obras de transformação e de adaptação a seus serviços em todos os andares, restauros que só não atingiram as fachadas.*

*Das decorações primitivas do segundo quartel do século passado quase nada existe, com excepção de alguns belos tectos no andar nobre.*

# INVENTÁRIO

*O Palácio Ferreira Pinto, do Largo do Chiado, apresenta sensìvelmente o mesmo aspecto exterior do século passado. Interiormente, porém, foi completa e radicalmente transformado, conservando-se apenas, à parte pequenos pormenores, quatro magníficos tectos em pintura a óleo e a gradaria da escadaria.*

## Exterior

Anota-se:

**Fachada Principal,** num corpo único, e nela: dois andares intermédios, cada um com sete janelas de sacada com boas grades do século passado, apoiadas em mísulas, e rematadas por cornija saliente, sendo as três janelas centrais de cada um destes andares ligadas por varanda, e coroadas de ática; o andar superior, acima do entablamento primitivo, formando dois corpos laterais, cada um com duas janelas de sacada do tipo das dos outros andares e rematadas por platibanda, com pináculos nas extremidades; estes corpos superiores são centrados por balaustrada, que os une; o andar térreo, com três janelas de peito de cada lado do *portão,* n.º 8, este guarnecido de cantaria, fechando em arco abatido, sobre o qual assenta a varanda avançada central do antigo andar nobre;

A **Fachada Poente** sobre a Rua António Maria Cardoso, com três ordens de nove janelas de peito, e muro contíguo à rua;

A **Fachada Nascente,** sobre a Rua Paiva de Andrade, com quatro ordens de nove janelas de peito, e portas de estabelecimento no andar térreo, abertas no final do século passado.

## Interior

Há a assinalar, apenas, a **Escadaria,** que abre à esquerda de um *Átrio,* hoje reduzido, e que dava acesso a um pátio, que desapareceu com as recentes obras de transformação, e, na Escadaria, de quatro lanços, a magnífica guarda de gradaria artística, de tipo francês, apatinada de ouro (1830);

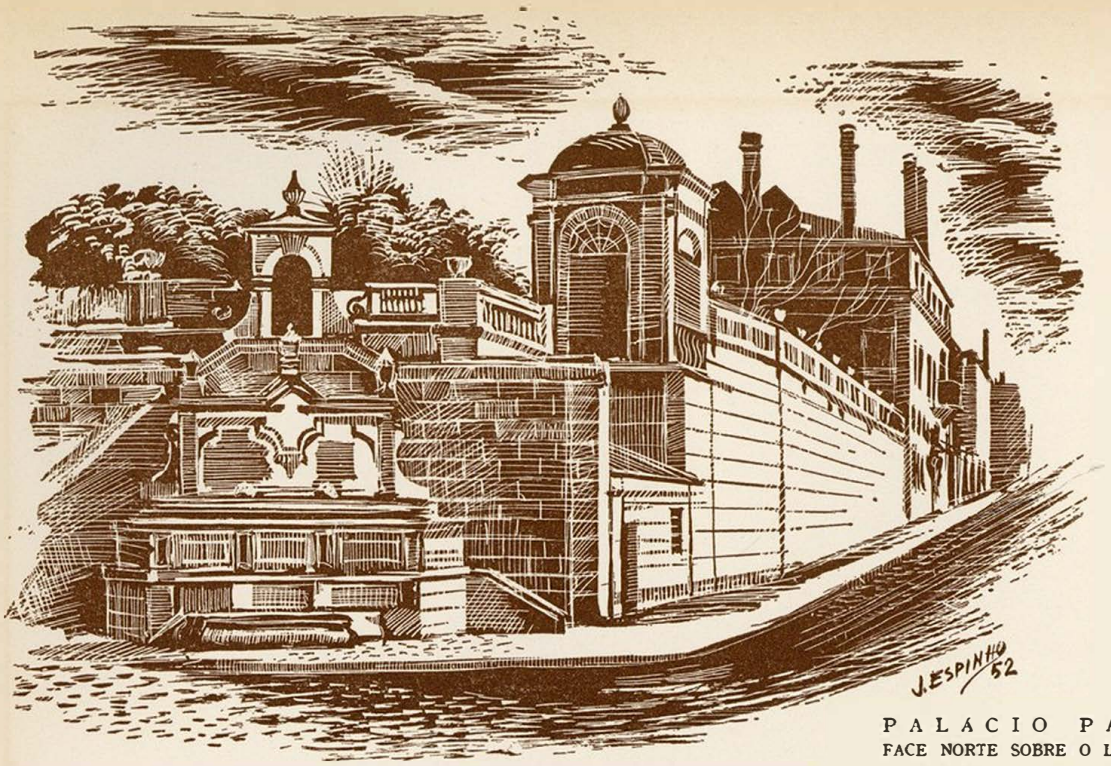
O antigo **Salão Nobre** (hoje do Conselho de Administração de «A Mundial»), no qual se admira um bom tecto, apainelado, com uma grande pintura central, a óleo, de sentido mitológico com figuração alada e uma figura de mulher, parecendo tratar-se de uma «Glorificação» ou de uma «Aurora»; a sobresanca deste tecto está enriquecida por decorações e finos ornatos de grinaldas, que dão envolvimento, em cada face, a um medalhão oval com figurinhas aladas, em alegoria às artes, literatura, música e ciências.

(Este tecto, como aquele a que adiante se alude, foram restaurados em 1948 pelo pintor Albino Cunha. Há quem os atribua a Pedro Alexandrino, sem fundamento sério, pois este pintor havia falecido já quando o palácio foi reedificado, a menos — e é admissível mas problemático —

que José Ferreira Pinto houvesse aproveitado alguns salões do palácio primitivo; neste caso mais parece as decorações referidas serem do pincel de Volkmar Machado, pela semelhança da técnica e dos motivos com outros tectos da invenção deste artista);

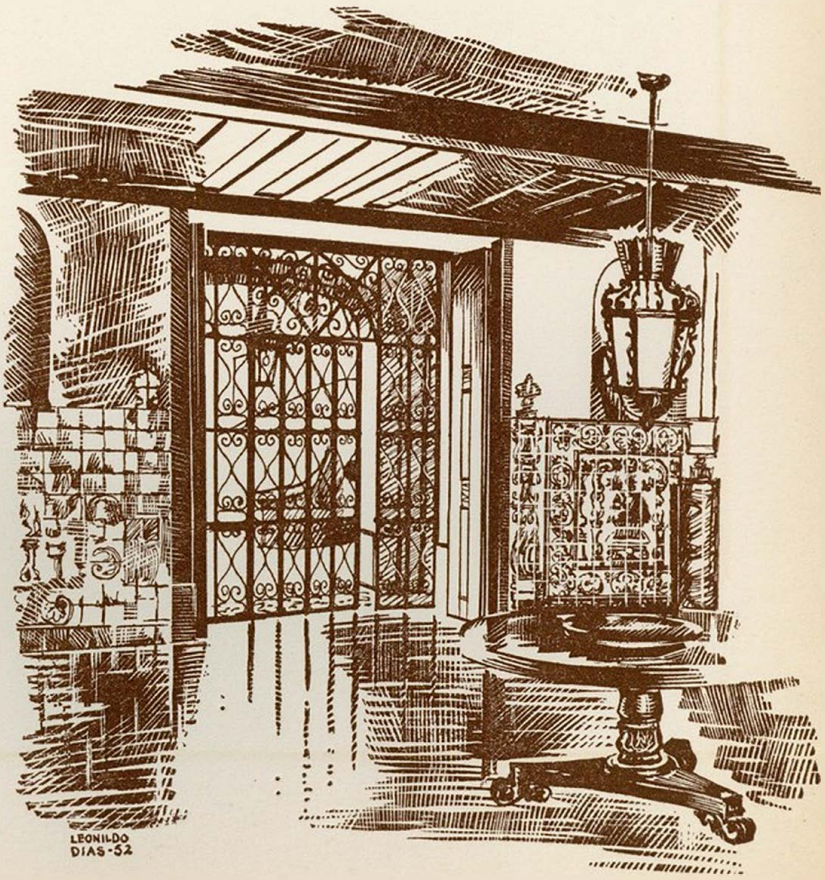
**Sala antiga de Música** (hoje da direcção), cujo tecto apainelado mostra uma pintura central «O Triunfo de Apolo», com figuração mitológica, vendo-se nas quadrelas decorações de grinaldas e de motivos musicais, do pincel, evidentemente, do mesmo autor das pinturas da sala acima referida;

Outros **dois tectos**, da mesma época e estilo, em duas salas, hoje subdivididas, mas encobertos totalmente por sobretectos recentes que defendem as pinturas, as quais se podem descortinar por uma abertura.




PALÁCIO PALMELA
FACE NORTE SOBRE O LARGO DO RATO

# PALÁCIOS PARTICULARES




PALÁCIO CARNIDE
RECANTO MAGNIFICO DO ATRIO

# PALÁCIO PALMELA

**(RATO)**

## Século XVIII

| | |
|---|---|
| Fundação . . . . . | 1792 |
| Renovação. . . . . | 1822 |
| Restauros e transformações. . . | 1842-43 e 1865-66 |
| Novos restauros . . . . . | 1902 |

**[Freguesia de S. Mamede]**

## Breve notícia histórica

*O Palácio Palmela, da Rua da Escola Politécnica, é uma fundação do final do século XVIII, mas em rigor pertence pela reedificação e restauros os séculos XIX e XX, conforme, de resto, o atesta a sua estrutura exterior e interior.*

*Cerca de 1792 o arquitecto Manuel Caetano de Sousa recebeu, como compensação por haver sido demolida uma casa que fizera erguer no Alto da Cotovia, um trato de terreno na extremidade da quinta do Noviciado da Companhia de Jesus, ao cimo do Salitre, sobre a Rua Direita da Fábrica das Sedas (Rua da Escola Politécnica desde 1859). Logo principiou a edificação, de seu próprio risco, e em 1796 o arquitecto habitava a nova casa, posto que esta não estivesse concluída. Morreu em 1802, herdando o pequeno palácio, se é que merecia esta qualificação, seu filho Francisco António de Sousa, arquitecto como o pai e o avô Caetano Tomás.*

*Este novo possuidor da moradia da Rua Direita da Fábrica das Sedas deixou-se arrastar para a conspiração de 1817, chamada impròpriamente «de Freire de Andrade»; foi preso, julgado, escapou à forca, para ser degredado para Africa, sendo-lhe confiscados os bens. Transitou, pois, a casa dos arquitectos — que foi o núcleo fundamental do Palácio Palmela — para a posse do Estado, que depois de nela ter, transitòriamente, instalado a Intendência da Policia (1817) a levou à praça em 1822. Arrematou-a Henrique Teixeira de Sampaio, natural da Ilha Terceira, um dos mais abastados capitalistas que houve em Portugal no seu tempo, homem de esmerada educação recebida em Inglaterra, feito Barão de Teixeira em 1818, 1.º Conde da Póvoa em 1823, ano em que foi nomeado Ministro da Fazenda e Presidente do Real Erário. Promoveu o Barão e Conde importantes obras de transformação no trivial palacete construido por Manuel Caetano de Sousa, as quais não lhe alteraram fundamentalmente o semblante. Falecido em 1833 herdou sua casa de morgadio e avultada fortuna o filho,*

*João Maria Teixeira de Sampaio, 2.º Conde da Póvoa, falecido em 1837 com doze anos, transitando todos os seus largos bens para sua irmã, D. Maria Luísa de Sampaio de Noronha, neta, por sua mãe, do 1.º Conde de Peniche e de Vila Verde.*

*Esta senhora casara ainda muito criança, em Paris em 1836, com D. Domingos de Sousa Holstein, também muito novo, pois nascera em 1818, filho do 1.º Conde, 1.º Marquês e 1.º Duque de Palmela, o famoso diplomata e estadista, D. Pedro de Sousa Holstein, e de D. Eugénia Teles da Gama, filha dos Marqueses de Niza; D. Domingos herdara em 1832 de seu irmão mais velho, D. Alexandre, o título de Conde de Calhariz, em 1834 foi feito 1.º Marquês do Faial, e, por morte do pai, em 1850, herdou os títulos de Duque de Palmela, Conde de Sanfré, no Piemonte, senhor de Calhariz e de Monfalim. Entrou desta sorte o palácio Palmela, do Rato — pois havia o do Calhariz de Lisboa, e o do Lumiar (este desde 1831) — na família dos Sousas Holstein.*

*O palácio esteve anunciado para venda em 1835, antes do casamento da filha do Conde da Póvoa; o 1.º Duque D. Pedro habitou-o quando trocou a actividade diplomática pela vida política, e foi este fidalgo quem inspirou, cerca de 1842-1843, junto de seu filho e nora, grandes obras de restauro e ampliação de um andar na casa da Rua da Fábrica das Sedas.*

*A D. Domingos sucedeu nos títulos e inúmeros bens da Casa Palmela sua filha, a 3.ª Duquesa, também 3.ª Condessa do Calhariz e 2.ª Marquesa do Faial, D. Maria Luísa Domingas de Sousa Holstein, ilustre dama que cultivava as artes a par da benemerência, e que no palácio casou em 15 de Abril de 1863, com extraordinária pompa, apadrinhada pelo Rei D. Luís e pela Rainha D. Maria Pia, com António de Sampaio e Pina de Brederode, Visconde da Lançada. Depois de casada a 3.ª Duquesa promoveu importantes melhoramentos e restauros neste seu palácio, os quais se podem situar entre 1865 e 1866, e no começo do actual século ainda embelezou o exterior do edifício, com o alindamento dos muros dos jardins e o envolvimento escultórico da porta principal, o que tudo contribuiu para renovar a aparência da casa nobre que Manuel Caetano de Sousa erguera.*

*A Duquesa D. Maria Luísa faleceu em 1909, sucedendo-lhe na posse de títulos e bens sua filha única, a 4.ª Duquesa de Palmela e 3.ª Marquesa do Faial, D. Helena, casada com D. Luís Borges de Medeiros Dias da Câmara, filho dos Marqueses de Praia e Monforte, por efeito de seu casamento Duque de Palmela e Marquês do Faial. Esta senhora, que no palácio não promoveu obras algumas dignas de registo, sobreviveu a seu marido, e faleceu no seu palacete de Cascais em 1942; sucedeu-lhe seu filho segundo, D. Domingos de Sousa Holstein Beck (seu irmão primogénito, D. António, Conde de Calhariz, morrera de desastre pouco antes da morte da mãe), 5.º Duque de Palmela, já antes Conde da Póvoa, casado com D. Maria do Carmo Pinheiro de Melo, filha dos Condes de Arnoso, de que tem cinco filhos e seis filhas. O actual Duque tem promovido no seu palácio alguns restauros e transformações.*

*O Palácio do Rato esteve, no princípio do século passado, alugado em parte, no tempo do arquitecto Francisco António de Sousa, que em 1803 ocupava apenas o segundo pavimento ou sobreloja, residindo no andar superior único — o qual veio mais tarde a ser o andar nobre — a João Francisco Alagoa, da família dos Cruz Sobrais, cujo palácio próprio ficava fronteiro. Em 1810 o arquitecto passou a residir no andar superior, arrendando a sobreloja a D. Maria da Piedade Lacerda, que ali residiu até 1817. Depois da aquisição do palácio ao Estado, em 1822, pelo Barão de Teixeira, nunca mais a casa que fora dos arquitectos Sousas andou arrendada; ali nasceram, casaram e morreram muitos dos Palmelas.*

*O Palácio teve aura aristocrática e mundana nos meados da segunda metade do século passado, mormemente desde que foi restaurado em 1865, e até quase ao final do século passado. Pode considerar-se pelo seu precioso recheio artístico — o de maior relevo em Lisboa — um verdadeiro museu. Nele residem os duques e três filhos e uma filha, solteiros. O primogénito dos Duques é D. Luís, Marquês de Faial, e o secundo-génito, D. Bernardo, Marquês de Monfalim, ambos casados.*

# INVENTÁRIO

*O Palácio Palmela, da Rua da Escola Politécnica, ou do Rato — como é mais conhecido — apresenta um semblante enobrecido pelos restauros do século passado, coisa alguma mostrando do aspecto primitivo que deve ter tido no final do século XVIII.*

## Exterior

Anota-se:

**A Fachada Principal,** constituída por um corpo único, com quatro pavimentos, revestidos de cantaria o andar térreo e o primeiro andar, ou sobreloja, e de mármore rosa da Arrábida (1902) o andar nobre e o superior; e nela:

O portão principal, n.º 126 (reconstrução do começo do actual século), em altura que atinge o andar nobre, emoldurado de cantaria, sobrepujado de arquivolta, rematada por pedra de armas dos Sousas de Arronches (as que usavam os Sousas do Calhariz) — escudo, envolvido por manto, esquartelado, tendo no 1.º e 4.º quartéis as armas de Portugal, e no 2.º e 3.º cadernas de crescentes, e coroado de duque (o actual Duque alterou as suas armas nos quartéis das armas de Portugal, suprimindo-lhe os castelos, ficando apenas as quinas) —; ladeando o portão dois hermes monumentais, representando um o «Trabalho», outro a «Força moral» (Anatole Calmels — 1902);

O *andar nobre* (terceiro pavimento) no qual se rasgam nove janelas de sacada, sem cornija saliente, sendo as três centrais ligadas por varanda; o andar superior (aumentado ao edifício em 1843), com nove janelas de peito, sendo as três centrais ligadas por varanda; o segundo andar, ou sobreloja, e o andar térreo, cada um com quatro janelas de peito, ladeando o portão principal;

Os *muros dos jardins* (reconstrução de 1902), ladeando pelo Sul e Norte a frente do corpo do palácio, sobrepujados de balaustrada de cantaria (que substituiu a antecedente guarda da gradaria), e adornados de vasos também de cantaria (no muro do lado Sul situa-se uma porta, emoldurada de cantaria simples, que dá acesso aos jardins, e sobrepujada pelo brasão do armas).

As **Fachadas Norte** e **Sul,** caindo sobre os jardins, cada uma com seis janelas em cada andar, no tipo das da frontaria do palácio;

Um *torreão quadrangular,* situado na extremidade Norte do muro de suporte dos jardins, com uma janela de sacada em cada face, fechando em arco de volta redonda, envidraçado;

Uma *balaustrada* em cantaria, formando um ângulo, apoiada sobre o muro de fundo do Chafariz do Rato (este construido em 1749), e ladeando uma guarita torreada quadrangular situada sobre o chafariz, e dele fazendo parte;

Na face da Rua do Salitre o *muro* de suporte dos jardins, em cantaria, sobrepujado de balaustrada ornada de vasos, e no qual se abre uma porta de aceso aos jardins, emoldurada, e sobrepujada do brasão dos Sousas de Arronches, mas sem manto envolvente.

## Interior

O Palácio Palmela, da Rua da Escola Politécnica, distingue-se de todos os outros particulares de Lisboa, no Interior, pela delicadeza e gosto harmonioso das suas decorações, pelo ambiente nobre, sem requintes escusados, das salas e dependências; é, sobretudo, notável pelo seu recheio artístico de todas as espécies, algumas únicas e muito raras, constituindo um pequeno museu de preciosidades, cuja inventariação não se comporta neste trabalho.

Assinala-se:

O **Atrio,** reedificado cerca de 1842-1843, por inspiração do 1.º Duque, D. Pedro de Sousa Holstein, e nele:

*O tecto,* de estuque com relevos simples a branco; *três arcarias* de acesso ao segundo pequeno átrio, com guarnição de pilastras caneladas sustentando os arcos de volta redonda; duas portas laterais, emolduradas de cantaria; o *segundo átrio,* de pequena dimensão, no qual se rasga uma porta central (1865) de acesso à Escadaria, guarnecida por dois hermes de mármore, e ladeado por outras duas portas simples.

(Neste átrio estão colocadas presentemente quatro belas peças escultóricas, de mármore alvo, dos cinzéis de Calmels, Soares dos Reis, Teixeira Lopes e Guillon, a deste, «Maternidade», de maior volume).

**A Escadaria,** mandada transformar em 1865-1866 pela 3.ª Duquesa D. Maria Luísa, em quatro lanços, e nela:

O *tecto* de estuque, com delicados ornatos, e uma clarabóia iluminante (recente); *quatro colunas,* de escaiola fina, duas em cada patim sustentando o patim superior, torcicoladas, coroadas por capitéis estilizados de ordem compósita; as *paredes* de escadaria, com almofadas de mármore rosa; guarda da escadaria, com corrimão de madeira pulida e gradaria delicada, de tipo francês; nas portas do alto da escadaria resposteiros armoriados, uns, dos Sousas de Arronches (Palmelas), e outros, com dois brasões, o dos Sousas de Arronches e o dos Teixeiras de Sampaio (Póvoas);

(Nesta Escadaria foram recentemente colocados *oito primitivos,* do século XVI, já existentes no palácio, cujo autor há quem presuma ter sido Gregório Lopes, representando passos da «Vida da Virgem», tábuas estas que pertenceram à casa dos primeiros Condes de Viana; no segundo patamar situa-se o bronze da autoria da 3.ª Duquesa de Palmela «Fiat Lux», simbolizando o «Génio do Progresso da Medicina», escultura que a fidalga artista ofereceu ao Dr. D. António de Lencastre, e foi, há anos readquirida pelos Duques de Palmela).

Entre os vários *Salões* e *Salas* do Palácio Palmela assinalam-se os principais:

**A Sala Inglesa,** do tempo do 1.º Duque D. Pedro, em decorações de estilo pompeiano, na qual todo o mobiliário é inglês, e nela: o *tecto,* de estuque revestido de pintura, vendo-se ao centro uma tela, talvez de autor italiano, representando uma alegoria mitológica, na sobre-sanca medalhões ornamentais e camafeus; as portas e sanca ornadas a ouro; um lustre inglês (1770), que pertenceu à colecção do Duque de Newcastle, adquirido recentemente;

(Nesta Sala se encontram retratos do 1.º Duque D. Pedro, e da Duquesa D. Eugénia Teles da Gama, filha dos Marqueses de Niza, ambos do pincel de Thomas Lawrence, e um retrato de um príncipe filho de Jorge III de Inglaterra, assinado por Angelico Kauffman);

A **Sala Francesa,** na qual todo o rico mobiliário é francês, e nela: o *tecto,* de relevados a ouro, nas engras e nas quadrelas com rosetas; uma tela central em oval, pintura alegórica mitológica, de pintura italiana; a sanca revestida de delicados ornatos;

(Nesta Sala estão colocados quatro quadros de Domingos António de Sequeira, «O Calvário» (1827), «A Adoração dos Magos» (1828), «A Ascenção» e o «Juizo Final», inacabados (1837), quadro comprados em 1845, em Roma (onde em 1837 Sequeira morreu) ao genro do pintor pelo 2.º Conde do Lavradio para o 1.º Duque de Palmela);

O **Salão de Baile,** do tempo do 1.º Duque, e nele: o *tecto,* em estilo pompeiano, com pinturas em ornatos estilizados (factura italiana), e cujo oval central foi inutilizado por efeito de uma revolução já neste século; bela sanca com ornatos picturais sobre fundo azul e ornatos nas sobreportas. (Este Salão foi restaurado recentemente nas pinturas pelo decorador Antero Basalisa).

(Neste Salão o mobiliário é todo Luís XVI, e pertenceu à Casa dos Marqueses de Angeja, aos quais o 1.º Duque o adquiriu; encontra-se neste Salão uma tábua quinhentista «O Arcanjo S. Miguel», atribuida a Garcia Fernandes, e que se supõe ter pertencido à Capela de S. Miguel da Alcáçova Real);

O **Salão de Jantar,** e, nele, o *tecto,* em estuque revestido de pintura, com um oval central, a óleo, representando em delicada alegoria, a exaltação de Eros, com medalhões de cupidos, frutos e flores nas engras e nas sobreportas; as paredes, de óleo em fundo azul, com as guarnições das portas a fresco, de ornatos avivados de ouro;

A **Ante-Sala de Jantar,** decorada no mesmo estilo do Salão, vendo-se no oval central do tecto uma «Diana», e nas engras motivos musicais.

A **Sala Antiga,** da primeira época do palácio, dependência do Salão de Jantar, com um tecto restaurado recentemente por Basalisa, sobre motivos do tecto primitivo; as paredes com pintura, a fresco, de colunas engrinaldadas, do século XVIII; as portas enobrecidas com filetagem de ouro;

A **Sala Chinesa,** no ângulo Sul do palácio, de pequenas dimensões, primitiva do século XVIII, com delicadas pinturas a fresco no tecto e paredes, constituidas por figurinhas e motivos chineses, no gosto francês da época. (Esta Sala foi, porventura, da traça do arquitecto Manuel Caetano de Sousa, ou de seu filho);

Uma **Saleta** de passagem, com silhares de azulejos polícromos do tipo de D. Manuel I, com delicada sanca restaurada recentemente por Basalisa;

(Nesta Sala se encontram vários quadros da escola flamenga, e um formoso retrato de Carlos V, de autor não identificado).

A **Capela,** no último pavimento do palácio (e razão por que aquele foi construido), toda em madeira e tela, imitando os materiais nobres da Capela de S. João Baptista, de S. Roque, a qual teria vindo para Lisboa, como espécime, e cuja proveniên-

cia se ignora, sabendo-se apenas que data na Casa desde o tempo do 1.º Duque; e nela:

O *tecto*, em arco de cesto, com ricas pinturas perspectivais, em tons quentes, de motivos eucarísticos (pintura italiana do século XVIII); dez janelas superiores, de aresta, iluminantes; uma tela, no *altar-mor*, representando a «Assunção da Virgem»; fundos, pilastras, e almofadas de madeira e tela nas paredes imitando pórfiro verde, sarabezza, roxo antigo, lápis-lazzuli; figuração escultórica; grande *órgão*, com coroamento decorativo; quadros de pintura italiana sacra, encastrados nas paredes, entre a decoração.

No Palácio existem outras salas e câmaras, restauradas ou renovadas ao gosto da segunda metade do século passado, ou já no actual século, e que dispensam inventário; pelas salas referenciadas e outras dependências se dispersam colecções admiráveis de cerâmica de todas as origens, sendo notáveis as colecções de esmaltes de Limoges assinados, do século XVI (pertenceram aos Marqueses de Angeja), peças raras da fábrica do Rato, espécies notáveis de pintura, entre elas quadros do Guido Reni, de Ticiano (?) de Van Dyck, de Teniers (?), da escola de Rembrandt, de Vieira Portuense, um retrato da 3.ª Duquesa D. Maria Luísa, por Carolus Duran, etc.; escultura, cristais, bronzes, mobiliário, estampas, pratarias, numismática, tapessarias.

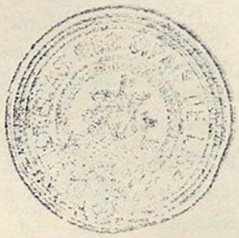
(Desta maneira se actualiza, e em parte se corrige, com elementos fornecidos pelo actual Duque de Palmela, ou por nós recolhidos, a história do palácio com a sua evolução decorativa).

## Os Jardins

Os Jardins do Palácio não são notáveis, nem pela vegetação nem pela paisagem.

Em 1902 foi construido um pavilhão, oficina de escultura e de canteiros, onde durante anos trabalharam a Duquesa artista, D. Maria Luísa, e o escultor Anatole Calmels.

Nos Jardins vêem-se também bustos e peças de escultura ornamentais.



COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA C. M. L.

PREÇO
12$50